

O que
dirá
as Estrelas?



CLEYTON PEREIRA

O
que dirá
as Estrelas?

U

Cleyton Pereira

Para minha irmã e minha mãe.
Obrigado por acreditarem em mim,
quando nem mesmo eu acreditava.
E a você leitor. Sem você, esse sonho
não seria possível.

A vida é para beijos profundos,
aventuras estranhas, conversas aleatórias
e caminhadas sem destino.

Um

— Seja você mesmo. Todos os outros já existem..

Fico pensando... E se tudo fosse diferente? E se ao invés de nos referirmos “Vá para cima”, no caso a pessoa iria para baixo e vice-versa? E se a lasanha que hoje comemos, fosse o macarrão que comeríamos no dia de domingo? Por que a maioria das pessoas só fazem macarrão no domingo? É um dia propício para a massa? É o seu aniversário? E se o chocolate fosse algo horrível de comer e o brócolis algo bom a ponto de querer uma bandeja só para você?

São tantas perguntas, não é mesmo?

É, eu sei. Se você faz parte do conjunto de pelo menos 2% das pessoas que param o que estão fazendo de importante, só para pensar no sentido da vida e como tudo começou e como irá acabar... Parabéns, seja muito bem-vindo.

Às vezes me pego pensando em como seria estar fora da bola redonda azul, que chamamos de Terra. Fico pensando, como poderia ter apenas nós, sendo que o universo é algo que não chegamos nem perto de descobrir seus segredos.

Mas, por mais que eu tenha tantas perguntas, eu tenho que ter a consciência e a noção de que a maior parte delas não serão respondidas. E creio que se um dia as respostas chegarem, de alguma forma, não importando o jeito, já estarei morto.

E eis a questão...

Há algo do outro lado, como dizem ter, depois que fechamos nossos olhos?

A maioria das pessoas sempre foram levadas a acreditar que em cima há um céu, no meio o nosso plano terreno e embaixo um inferno. Será mesmo verdade?

Que o céu é algo lindo, cheio de fartura, paz, amor e compaixão, onde pessoas boas vão e onde há o Deus que criará o nosso universo, junto a seus anjos. Enquanto o inferno, um lugar cheio de sofrimento, dores, lamentações e onde pessoas más vão para serem punidas por demônios, comandados por Satã, o pai da mentira.

Será tudo isso verdade?

Há tantas crenças, lendas e mitologias, que são maravilhosas, mas que no final, não fazem sentido algum. Talvez não para você, mas para mim, não há sentido.

Mas ainda faço parte daquele grupo anônimo que sempre irá ter mil perguntas, mesmo não encontrando todas as respostas para elas. Que sempre irá se perguntar isso ou aquilo. Sempre.

Dois

— É preciso coragem para ser diferente e muita competência para fazer a diferença.

O que nos faz gostar do frio ao invés do calor? Ou vice-versa, sei lá. Talvez seja o não suar de um corpo e uma caneca de chocolate quente? Ou é apenas a boa sensação de sentir o gelado no rosto?

Por esses e outros motivos que acabo entrando no portal do tempo da minha mente e me distraíndo, enquanto deveria estar quase pronto para o culto de hoje.

— Ettore, você já está pronto?

— Estou quase.

Minha mãe era boa de voz. E eu quase um mestre em dizer que estava “quase pronto”, quando não tinha nem colocado a camisa social.

Quem foi o primeiro ser a mentir no mundo?

No caso dos cristãos, seria a tal da serpente que enganara Eva e Adão, certo? Mas pensando num ângulo mais científico... De onde viera a primeira mentira? Por que mentir acabou virando um hábito, afinal? Tudo bem, que é bem mais fácil contar boatos, do que dizer todos os fatos, mas por quê?

— Glória Deus, Ettore. Achamos que você não viria mais.

Se dependesse de mim, não iria mesmo. E poderia muito bem julgar o por quê de ainda ter que comparecer as reuniões nos sábados, sendo que poderia estar dormindo neste exato momento. Já tenho 17 anos. Mesmo não sendo maior de idade, tinha minhas próprias opiniões.

Mas de relance, deixava passar. E fingia estar prestando atenção no que o pastor Marcus falava, quando estava prestes a chegar o final do culto.

Meu pai parou o carro numa vaga no estacionamento da igreja, e tudo indicava que se não apressássemos, não teria lugar para sentarmos. O lugar estava lotado e o culto começaria daqui há cinco minutos.

Antes que eu pudesse abrir a porta para sair, pus a mão no estofado do banco do carona para me apoiar, logo sentindo algo mole e duro ao mesmo tempo, que estava coberto pela blusa de frio da minha mãe. Ao tirar a blusa de cima, vi que era um livro... O que eu estava lendo na noite passada. Ali estava ele.

Algo para me salvar do grande tédio que seria.

— Vamos lá, querido. — Disse ela, já com sua bíblia em mãos.

U

Parecia que quanto mais o tempo passava, mais demorava para acabar. Eu já não estava mais aguentando. Por sorte, meus pais estavam distraídos demais para ver que eu lia o livro no meio da reunião. Mas por fim, a hora final tinha chegado. O pastor Marcus iria começar a pregar e logo em seguida tudo acabaria.

Porém, passar duas horas, quase três, dentro de um cubículo, não era para qualquer um. E não era para mim.

— Eu vou ao banheiro.

— Tudo bem, vá lá.

Não iria a banheiro nenhum. Só dei a desculpa para a minha mãe ter a noção de onde eu estaria. Não poderia apenas sair dali sem dar uma satisfação que fosse.

Ao invés de seguir em frente para os fundos, virei à direita, num corredor não tão longo, seguindo para o lado de fora.

Nos fundos da igreja, havia alguns bancos, daqueles de praça, para podermos sentar.

Ao olhar para o relógio, vi que teria uma hora para ler o livro ou até mesmo fazer qualquer coisa de útil.

Não que ir para a igreja, não fosse algo de útil. Porém, não era algo de útil para mim.

Sentei de um modo que parecia ser confortável para mim no banco, enquanto eu lia página, por página do livro. O tinha pego na biblioteca da escola.

Tecnicamente, eu o roubei.

Ele estava jogado no canto, de uma das prateleiras. Não estava submetido a um código de barra, como também não estaria no sistema, caso eu quisesse passa-lo na recepção.

Então, eu apenas o coloquei dentro da mochila e saí, como se nada tivesse acontecido.

Eu sei que fiz errado. Mas tenho o orgulho de dizer que não estou arrependido. De verdade.

— Tem isqueiro?

Um jovem garoto aparecera do nada ao meu lado.

Pelo que parecia, ele deveria ser um dos membros da igreja, pois estava com um terno de cor azul. A gravata mau feita por sinal. E o cabelo para cima num topete.

Seus olhos tinham uma pigmentação de verde bem claro.

— Não, eu não tenho.

— É uma pena.

Três

— Às vezes são as pequenas decisões que podem mudar a sua vida para sempre.

— Posso me sentar?

Não disse nada, apenas tirei os pés do banco e me endireitei para que nós dois coubésssemos ali.

Mas não pude deixar de perguntar:

— Você é da igreja?

— Sou sim.

Ele estava com um cigarro entre os lábios.

— E você fuma?

— Fumo.

E apenas me deu um sorriso.

— O que está lendo?

— A mente promiscua de um garoto solitário.

— E é bom?

— Defina 'bom'.

— Bom... Algo que te agrada.

— Sim. É um livro bom.

Eu conseguia ver em seu semblante, um garoto bem longe da realidade atual, onde não se importava com o que as pessoas achavam de suas opiniões e de seus gestos considerados loucos.

Era o que parecia para mim.

— Eu nunca te vi aqui antes. Tecnicamente numa pacata cidade, todos se conhecem, então...

— É que eu acabei de me mudar para cá com os meus pais. Somos da cidade grande, Monteville.

— Já ouvi falar. É um ótimo lugar para plantações agrícolas.

— Eu não sei muito disso, então não posso conversar com você sobre o assunto.

Ele tomou o livro de minha mão, sem ao menos falar uma só palavra. Levantou o livro até seu rosto e foleou de um modo rápido as páginas.

Leitores nunca deixam de fazer isso.

— Pelo que parece, é bem velho, mesmo levando em conta pelas páginas ainda estarem bem brancas. O cheiro diz tudo.

— O cheiro?

— Sim. Para mim, diz.

— Explique melhor...

— É claro... Eu digo pelo cheiro, como se fosse uma certa essência. É mais ou menos assim.

— Ainda não entendi.

— Algumas pessoas, por exemplo, tem uma aparência jovem, porém suas almas parecem ser bem antigas, quase tendo 200 anos de idade. Isso acaba se demonstrando através do jeito, da fala. Do pensar. É algo incrível.

Eu não disse nada.

Afinal, o que iria dizer? Era algo confuso e que de certa forma conseguia fazer algum sentido. Eu acho.

— Quantos anos têm? — Perguntei.

— 17 e você?

— Também.

Ficamos alguns minutos em silêncio.

O garoto, ainda com o cigarro na boca, olhava para os sapatos sociais, que de relance, pareciam precisar de engraxate.

— Você mora sozinho? — Perguntei novamente.

— Não, moro com os meus pais. E estão lá dentro. E você?

— Também moro com os meus pais. E estão lá dentro também.

— E por que está aqui fora?

— Não tenho muita paciência. Só venho para que eles não fiquem chateados.

— Também não tenho muita paciência, porém só venho porque sou obrigado. Fizemos um acordo, que ficaria longe de encrenca e iria vir para a igreja, mesmo que não frequentasse as reuniões, se eles não cortassem a minha mesada. Então, cá estou eu.

— É rebelde?

— Mas é claro... Que sentido teria a vida se não tivéssemos um pouco de diversão?

Olhei para o relógio e vi que a hora tinha passado muito rápido. O culto terminaria daqui a alguns minutos, mesmo não parecendo. Para mim, eu tinha acabado de sair de lá de dentro.

O garoto percebera algo em meu rosto, pois se inclinou para bem perto dele, me olhando diretamente nos olhos.

— O que foi?

— Você é heterocromático!

— É o que parece... — Dei uma risada frouxa.

— Nunca tive a oportunidade de ver alguém com dois universos antes.

— Universos?

— Sim. Costumo dizer que todos nós temos universos em nossos olhos, porém poucos conseguem enxergá-los. Mas você tem dois deles. Um universo pigmentado de verde e outro de castanho-claro. É incrível.

É a primeira vez que alguém fala algo assim.

Muitas pessoas acham bonito ou até mesmo legal a diferença dos meus olhos, porém ninguém nunca fizera um comentário desses antes.

Fascinante.

— Bem, pelo que parece, o culto já acabou. Vou indo nessa, foi legal te conhecer...

— Ettore.

— Foi legal te conhecer Ettore. — Ele já começava a se afastar.

— Digo o mesmo...

— Roy!

— Roy.

— Até mais, corujinha.

Mas ele já tinha se virado e andado, provavelmente para o carro dos pais.

Corujinha? Por que ele me chamou de corujinha?

Quatro

— Tudo vem com um propósito e vai por uma razão.

Provavelmente, a primeira coisa que você percebera de mim foi que eu sou muito curioso, pois estou sempre querendo saber o porquê das coisas. E Roy me dar um apelido; Corujinha, não seria algo que eu iria deixar de lado.

Pesquisei em sites qual era o significado desse animal, através de tais crenças. E resumindo o que eu achei, foi isso:

“A Coruja é um animal que simboliza a sabedoria, a inteligência, o mistério, o misticismo. Por outro lado, essa ave de rapina noturna, pode simbolizar mau augúrio, azar, escuridão espiritual, morte, trevas e bruxaria”.

Roy me chamara de corujinha por esse motivo, ou só era algo de minha cabeça e ele apenas me apelidara de algo que viera na sua mente de repente? Eu não teria essa resposta tão cedo, pois o próximo culto seria apenas no próximo sábado e não saberia se ele estaria lá ou se iria conseguir encontra-lo.

Mas por enquanto, levava em consideração a pesquisa que fiz pela internet.

U

— O que acha de falarmos sobre curiosidades que as pessoas têm, porém nunca tiveram a coragem de pesquisar e saber se informar sobre?

— Por mim, seria uma boa. Qual é a sua ideia?

Elisabeth e eu estávamos na biblioteca da escola, em pleno domingo, fazendo um trabalho extracurricular dado pelo nosso professor de matemática. Não sei se era algo extracurricular, talvez fosse algo para aumentarmos as nossas notas, por mais que ele não tivesse dito que estávamos abaixo da média, sabíamos que esse trabalho era para isso. Pois se não fosse, ele teria passado para a sala toda.

— Estava pensando em algo que relacionasse os filósofos matemáticos.

— Fale mais sobre o assunto...

— Algo como que eles nunca tivessem demonstrado ou contado para o mundo. O professor disse que poderíamos falar sobre qualquer coisa, contando que tivesse algo de matemática em cima.

— Podemos falar como Tales de Mileto criou o seu teorema, o que acha?

— Isso... Esses tipos de curiosidades. Está perfeito.

Eu sei, parecia ser esquisito estarmos na escola no domingo na biblioteca, porém a diretora havia deixado nós usarmos o lugar nos finais de semana, pois não havia nenhuma outra na cidade que poderia nos ajudar com isso. Sem falar que haviam computadores, onde poderíamos usá-los para fazer pesquisas mais aprofundadas.

— Está tudo pronto, agora é só estudar mais um pouco para apresentarmos na terça e está tudo certo. — Disse Elisabeth, ajeitando seus óculos, enquanto guardava alguns livros nas prateleiras.

— Posso te perguntar uma coisa? — Disse, guardando meu material na mochila. E logo em seguida fazendo o favor de guardar o de Elisabeth também.

— Claro.

— Em questão de termos universos em nossos olhos... O que você acha sobre isso?

— Universos? Como assim? — Disse, colocando o último livro e seguindo para os dois computadores que estavam ligados, fechando as abas e desligando os sistemas.

— É só uma curiosidade.

— De onde você ouviu isso? Olhos com universos?

— Ontem na igreja. Pelo fato de ter dois olhos de cores diferentes, um garoto disse que nunca tinha visto uma pessoa com dois universos antes.

— O que você acha que ele quis dizer com isso?

— Eu não sei. Talvez seja pela cor?

— Ou porque ele possa ser um pouco pirado da cabeça.

— É, também pode ser.

Rimos, como se Elisabeth tivesse contado uma piada muito engraçada.

Enfim, tínhamos terminado nossas tarefas, quando deixei Elisabeth em sua casa, logo em seguida indo pelo parque, onde poderia cortar caminho para chegar mais rápido em casa.

De longe, vi um garoto balançando uma linda menina no balanço, enquanto estava com um... Cigarro entre os lábios.

Espera... Aquele era Roy.

De longe, ele me avistou, acenando com a mão. E logo em seguida fez um movimento dizendo para eu ir até lá.

Não hesitei.

Segui para o parque, que era aberta para os membros ou não-membros da cidade.

— Como vai, corujinha?

Roy fez um movimento que eu não esperava. Tanto que não tive reação logo de relance.

Ele me abraçara, como se fôssemos amigos há anos.

Um abraço forte, quase partindo minhas costelas em milhões de pedacinhos.

— Vou bem. — Disse, com dificuldade por estar sendo esmagado pelo abraço forte de Roy.

— Ah me desculpe. Não ligue para esse meu jeito. Gosto de abraçar pessoas, independente do que são.

A garotinha pigarreou, como se tivesse algo preso em sua garganta.

— Ah, perdão Estella. Bem Ettore, essa é Estella. Estella, esse é Ettore.

— Oi Ettore, é um prazer te conhecer.

— Digo o mesmo Estella.

Estella era uma linda garotinha negra, de olhos cor de mel. Bem simpática, por sinal. Estava usando um suéter rosa com listras brancas, uma calça jeans azul clara e tênis com desenhos da... Barbie.

— Está vindo de onde? — Perguntou Roy, enquanto empurrava Estella no balanço.

— Da escola.

— Mas hoje é domingo.

— Eu sei... É que minha amiga e eu estamos com notas baixas em matemática, mesmo o professor não ter contado isso para nós. Então, fomos fazer um trabalho para apresentar na terça de agora.

— Por livre e espontânea vontade?

— Não, o professor passou esse trabalho para nós, dizendo que era extracurricular. Só que não somos idiotas, pois se fosse, ele passaria para a sala inteira.

— É, faz sentido. — Ele deu um sorriso e voltou para a Estella. — Princesa, por que não vai brincar no escorrega?

— Tudo bem! — Disse ela, indo para o escorrega ao lado.

Cinco

— A única coisa que mantemos sob controle é a ilusão de que temos controle sobre alguma coisa.

Roy fez um gesto para que eu me sentasse no balanço ao lado, enquanto ele se acomodava no daquele que Estella estava há alguns segundos atrás. Seu olhar estava sereno, como se não tivesse preocupação alguma, pois isso é uma mentira. Todos têm com o que se preocupar, por mais que seja algo não tão significativo aos olhos de quem vê.

— Ainda não conseguiu um isqueiro? — Perguntei, puxando um assunto.

— Ainda não. Mas mesmo se você tivesse um isqueiro e tivesse me emprestado, eu não iria acender o cigarro.

— Ué? Como assim? Então, por que pediu?

— Tudo bem que nos conhecemos ontem na igreja, mas não percebera que a maioria das coisas que eu falo, acabo levando na metáfora? O cigarro na minha boca e o gesto de se acender ele, é algo metafórico. Tento levar a um senso de que, para quê eu vou querer usar algo que possa me fazer mal? E com isso, eu consigo ideias. E não câncer.

Incrível como ele conseguia ser confuso e convencível ao mesmo tempo.

— Posso te fazer uma pergunta, Roy?

— Vá em frente. — Disse, colocando as mãos dentro dos bolsos de sua jaqueta preta.

— O que você quis dizer quando me chamou de corujinha?

— Se sentiu incomodado por eu ter te chamado assim?

— Não, não é isso. É apenas algo curioso. Tanto, que fui pesquisar a respeito do significado dela em tais crenças e até levei em consideração que...

— Quando eu te chamei de corujinha, não quis dizer a respeito disso, há outro motivo. — Disse, me cortando.

— Então o que é?

Ele ficou alguns instantes em silêncio. Virou para trás, olhando Estella brincando no escorrega, um milhão de vezes, sem parar. Sobe e desce.

E logo voltou para mim, dizendo:

— Já ouviu falar da coruja Zeus?

— Coruja Zeus?

— Sim!

— Não, nunca ouvi falar.

Roy pegou o cigarro, fez um gesto, como se desse uma última tragada, jogou-a na grama verde e pisou logo em seguida, como se tivesse apagando o cigarro.

— No verão de 2012, Zeus chegou na instituição canadense Wildlife Learning Center, que é mais conhecida pelas siglas WLC. Ela recebera tratamento em um centro de reabilitação para animais, pois ela tinha perdido 90% de sua visão. Os olhos debilitados de Zeus pareciam exibir a imagem de belas galáxias cintilantes e de constelações celestiais.

Uma coruja com olhos celestiais? Parecia ser um mito. Tinha que pesquisar sobre o assunto.

— Resolveram chama-lo de Zeus como uma inspiração pela divindade suprema do panteão grego.

— O Deus dos Deuses, na mitologia grega, certo?

— Exato.

— E o que mais?

— Bem, as galáxias de seus olhos na verdade são compostas por coágulos de sangue e fibrina, resultado do impacto sofrido.

— Que tipo de impacto?

— Existem teorias de que ela pôde ter batido em algum lugar, ou ter sido atacada por um predador, mas nada comprovado.

— E o que é fibrina?

— Fibrina é uma proteína formada no plasma a partir da ação da trombina sobre o fibrinogênio e que é a principal componente dos coágulos sanguíneos.

Uau, como ele sabia de tudo aquilo?

— Posso até ser rebelde, mas me interessa por coisas que, talvez, nenhuma pessoa preste bastante atenção. Sou puxado por elas, na verdade.

Aquilo tudo era surpreendente. Uma coruja com olhos de galáxias e constelações.

— Eu tento pensar pelo lado positivo de Zeus ter perdido 90% de suas visões.

— E qual é o lado positivo?

— Pelo menos ele tem as constelações só para si. Vive com elas de dia e de noite, sempre apreciando as inevitáveis estrelas. E pensar que isso só ocorreu depois de um trágico acidente, que não se tem a total certeza de como foi.

Processando tudo aquilo, me dava mais curiosidade em procurar a respeito.

Uma coisa Roy e eu tínhamos em comum. Buscávamos por coisas que ninguém mais procurava.

Roy subira a manga de sua jaqueta, olhando em seu relógio de pulso.

— Puxa, já está na hora de voltarmos para a casa.

Roy levantou e se virou para olhar para Estella, que estava brincando no gira-gira do parque.

— Princesa Estella, precisamos ir. Provavelmente o jantar já deve estar pronto.

Estella saiu do brinquedo, vindo em nossa direção.

— Bem Ettore, foi um prazer vê-lo de novo. Até qualquer outro momento.

Roy segurou a mão de Estella e ambos começaram a andar, pegando o caminho de casa. Estella virara, dando um aceno de adeus. Roy logo em seguida, virara também, fazendo o mesmo aceno, porém concluirá, dizendo:

— Até mais, corujinha!

Seis

— Há em cada olhar, um universo particular.

Roy tinha razão. Era tudo verdade.

Zeus tinha lindos olhos, como se tivessem pego um pedaço do universo e tivesse posto em olhos de vidros e posto nele. Era idêntico, como olhar para um céu estrelado, ou até mesmo uma imagem de uma constelação de estrelas.

E estava vendo que Zeus poderia receber visitas na WLC.

Esse desejo iria para a lista dos meus desejos antes de morrer.

— Ettore, Elisabeth está aqui! — Escutei a voz de meu pai soar da sala de estar.

— Pode subir, Elisabeth.

Alguns segundos, Elisabeth entrara pela porta.

— Desculpa vir essa hora aqui, Ettore, é que você esqueceu esse caderno. Na verdade, não esqueceu, provavelmente trocamos os cadernos.

Segui até a minha mochila, abrindo-a e procurando algum caderno desconhecido. E ali estava ele.

— Como conseguimos fazer isso?

— Provavelmente por estarmos muito concentrados no nosso trabalho.

— É verdade.

— Bem, eu já vou indo. Até amanhã.

— Espera!

Puxei Elisabeth para dentro novamente, antes que pudesse sair pela porta.

— O que foi?

— Quero te mostrar uma coisa.

Coloquei Elisabeth para sentar em frente ao computador. E logo pude ver os olhos dela brilharem por ver Zeus.

Ela amava corujas, assim como eu também queria uma de estimação.

— Meus Deus... Ela é de verdade?

— Mais que de verdade. Agora eu sei o porquê que Roy me chama de corujinha.

— Roy?

— É o nome do garoto que conheci na igreja.

— Nome diferente.

— Como se o meu também não fosse.

Rimos pelos nossos comentários.

Elisabeth começou a ler sobre Zeus e suas expressões faciais mudavam a cada palavra que lia, como se elas a fizessem sentir algo.

— Incrível. Como eu nunca ouvi falar dessa coruja antes, Ettore?

— Eu também estou embasbacado como também nunca ouvi falar dela antes.

— E ela é a única existente?

— Sim, a única.

Bip.

Soou um barulho, que vinha do celular de Elisabeth.

— É minha mãe, dizendo para ir logo, pois ainda ela está me esperando lá fora. Eu preciso ir. Mas

amanhã conversamos mais sobre essa coruja na escola, está bem?

Elisabeth me deu um beijo no rosto e seguiu para o andar de baixo.

Sete

— Quando eu sinto necessidade de religião,
eu saio à noite e pinto as estrelas.

— Ettore, por favor, me dê um motivo para não deixar a aula de química e voltar com uma arma para matar a professora?

— Meu Deus Elisabeth, que horror.

— Eu não estou aguentando mais. Caraca, eu devia me preocupar é com as palavras. Não vou me formar em química, droga. Isso tudo é para quê? Para ensinar que não devo beber cândida?

Não pude deixar de rir do comentário de Elisabeth. Até mesmo na raiva, conseguia ser sarcástica a ponto de fazer todo mundo ao seu redor rir.

— Eu espero que estejam prestando atenção na aula, pois depois lágrimas vão rolar na hora da prova. — Disse a professora Elisa, nos fuzilando com os olhos.

— Desculpa, professora, estamos prestando atenção sim.

Então ela volta para a anotação de seu lá sei o que estava anotando.

— Bem, pessoal, atenção para a chamada. E espero que escutem bem, pois quem não responder, vou pôr falta.

Estava havendo alguns cochichos, mas logo se cessaram quando a professora falou que iria colocar falta para quem não respondesse.

E assim, ela fora chamando um de cada vez, passando por Elisabeth e por mim e enfim, chegando a... Roy?

— Roy Andrew?

— Ele deve ter faltado, professora. — Disse uma garota do outro lado da sala.

— Ok...

E continuou fazendo a chamada normalmente.

— Ettore, será que é o seu amigo?

— Eu não sei. Eu saberia se ele tivesse me falado o sobrenome.

— Não duvido que seja. Qual é o individuo em toda a sua existência que se chama Roy? Já ouviu esse nome antes?

— Não, nunca.

— Então... Aposto um lanche na cantina que é ele.

U

— Enfim livres! — Disse Elisabeth, estendendo os braços para cima em forma de agradecimento.

Não curti muito química também. Só gostava das experiências que fazíamos no laboratório. Mas quando chegava a parte de exatas, era onde eu travava completamente.

— Que aula vamos ter agora? — Perguntou ela.

— Acho que é... — Tinha uma pequena anotação na palma da minha mão esquerda. —...leitura.

— Perfeito. Preciso dar uma relaxada mesmo. Provavelmente o sr. Magório vai falar para pegarmos algum livro das estantes e prateleiras e começar a ler e depois fazer um pequeno resumo do

que se entendeu até agora.

— Bem provável, Elisabeth.

U

— Bem turma, quero que vocês peguem qualquer livro aqui da biblioteca, leiam e depois quando der o sinal, em casa façam um resumo do que entenderam até agora da história, está bem?

— Eu falei. — Cochichou Elisabeth ao meu lado.

Logo pegamos nossos livros e começamos a ler.

Elisabeth pegara o livro *A Megera Domada*, enquanto eu havia pego o livro *A Mansão Hollow* da Agatha Christie.

Passados alguns minutos de leitura, escutamos o bater da porta logo atrás. E foi um som bem forte, estrondoso.

— Está atrasado, mocinho! Por isso, vai levar ocorrência.

— Não vai ser necessário, professor. Eu estava na sala da diretora. Aqui está um bilhete que ela me mandou entregar para o senhor, caso isso fosse ocorrer.

— É... Bem... Tudo bem. Sente em qualquer lugar. Pegue um livro e comece a ler. Depois eu quero que faça um resumo do que entendeu até onde parou em casa, está bem?

— É o senhor quem manda.

Pareceu que o sinal tocara em torno de cinco segundos.

Eu estava superconcentrado na leitura, assim como Elisabeth também estava.

Porém, não conseguia parar de sentir a estranha sensação de estar sendo observado.

Às vezes, parava minha leitura para procurar pela biblioteca se havia alguém me olhando. E não demorou muito para encontrar Roy me olhando de relance. Entretanto, toda vez que meus olhos encontravam os dele, ele desviava o olhar, voltando para o livro que tinha pego, tentando disfarçar.

— Eu passo na sua casa hoje de noite para darmos uma última revisada no trabalho, ok?

— Claro. Vou pedir para a minha mãe fazer aquela torta de calabresa que você gosta.

— Aquela com requeijão e muçarela?

— Exatamente.

— Já estou contando os minutos, Ettore. Bem, eu preciso ir. Minha mãe está ali na frente. Você vai querer carona ou vai a pé de novo?

— A pé.

— Está bem, até mais tarde.

— Até!

Estava prestes a me virar para pegar o caminho de volta para casa, quando parei bem em frente a Roy, que estava me olhando atentamente.

— Olá corujinha!

Oito

— O maior prazer da vida é fazer aquilo que os outros dizem que você não consegue fazer.

— Não sabia que você viria para essa escola. — Perguntei, enquanto andávamos pela calçada, passando perto do único mercado da cidade.

— E eu não sabia que estudava nessa escola.

Rimos ao mesmo tempo. Parecíamos tão iguais e diferentes ao mesmo tempo.

— Aquela é sua namorada? — Perguntou Roy.

— Namorada? Não, não. É a Elisabeth. A minha amiga de que comentei. Estamos fazendo o trabalhando juntos.

— Ah sim... — Ele colocara as mãos nos bolsos de sua calça jeans.

Para não ficar aquele clima, pois estava sentindo que ficara um pouco, perguntei:

— O que a Estella é sua?

— É minha irmã adotiva.

— Não sabia que tinha uma irmã.

— Meus pais, depois que se converteram para a igreja, renovaram seus votos de castidade, voltando a serem puros. Porém, eles queriam ter uma filha. Então, resolveram adotar uma.

— Seus pais nunca foram cristãos?

— Não. Eles se converteram quando eu tinha 16 anos.

— Então não faz tanto tempo assim.

— Não, não faz.

— E você ficou feliz quando tomaram essa decisão?

— Meio que fiquei e não fiquei. Fiquei feliz por terem tomado um rumo em suas vidas. E não fiquei feliz pois eles quererem que eu siga o mesmo caminho.

— O que aconteceu?

Estávamos passando pela rua do parque da tarde passada, quando Roy fez um gesto para sentarmos novamente no balanço.

Nos acomodamos nos balanços e ele logo começou a falar.

— Meu pai era alcóolatra. E minha mãe *reclamona* com a vida. E que normalmente culpava meu pai e a mim, por tanta desgraça em sua vida. Sem saber que a maior culpada era ela mesma.

Ele parou por alguns instantes, pegando do seu bolso uma carteira de cigarro. Tirando um de vinte cigarros e colocando-o na boca.

— Tem isqueiro?

— Tenho.

Nunca jurei fazer algo assim um dia, porém eu fiz.

Fiz um gesto como se tivesse tirando, realmente um isqueiro do bolso. O movimento de estar acendendo o objeto tomou conta de minha mão e dei o fogo imaginário para que Roy pudesse acender seu cigarro.

Ele olhou para mim por alguns segundos e logo em seguida encostou o bico do cigarro no fogo que não existia e deu uma tragada profunda.

E eu guardei um isqueiro que não tinha de verdade.

— Não posso culpa-los, pelo que sou hoje. Mas se realmente a culpa é deles, só tenho que agradecer. O que sou hoje, sinto-me mais vivo do que nunca. — E deu mais uma tragada, em seguida batendo com dedo no cigarro para tirar o excesso de cinzas queimadas.

— Meus pais sempre foram cristãos. Desde criança frequento aquela igreja. Já participei de escola dominical e grupos de louvor. Até que certo dia, tudo aquilo que eu passei, não fazia mais sentido para mim.

— Por quê?

— Porque meus olhos começaram a abrir para coisas, que realmente faziam sentido para mim. Coisas que eu considerava antes, banais.

— E seus pais sabem disso?

— Não, não sabem.

— Pretende contar para eles algum dia?

— Eu ainda não sei.

— E o que dirá as estrelas sobre isso?

— Como é?

— O que dirá as estrelas?

— Não estou entendendo sua linha de raciocínio?

Roy deu a última tragada no cigarro e repetiu o mesmo gesto que fizera no final da tarde do dia anterior.

— Costumo dizer que as estrelas sabem, absolutamente tudo. São velhas e sábias. Estão presentes desde o começo dos tempos. O que acha que elas irão pensar sobre isso? Acha que elas apoiariam contar agora ou depois?

— Eu não sei.

— Então, pergunte a elas e terá as respostas.

— Que?

— Pergunte a elas... Sério! Por mais que às vezes são demoradas, as respostas sempre vêm.

Roy olhava para os meus olhos, atentamente.

— Mas o engraçado, é que existem dois universos dentro de seus olhos. E nesses universos, um trilhão de estrelas, prontas para saltarem para fora. — Ele respirou profundamente. O parque estava em completo silêncio. — Eu sei que às vezes, o que eu digo, pode não parecer fazer sentido e você pode até me achar estranho, pelo meu comportamento anormal. Eu apenas tento levar as coisas para um lado que poucas levem.

— E por mais que às vezes eu não entenda, tento decifrar suas charadas. Não te acho uma pessoa louca.

— Eis a questão... Não são charadas. Muito pelo contrário. São coisas que qualquer um pode ver, só basta enxerga-las com novos olhos. Olhos que todos nós temos, porém poucos descobrem.

— E como descobrir esses novos olhos?

— Isso só você pode procurar. Só você deve saber.

Nove

— Tudo o que precisamos são de 20 segundos de coragem insana.

— Muito obrigada por ter feito a torta sra. Scott. Está uma delícia.

— Fico feliz que tenha gostado, Elisabeth.

Assim que tinha chegado em casa, depois de conversar com Roy e pensar em tudo o que falamos no parque, Elisabeth havia chegado 10 minutos adiantada.

Por sorte, ela dera uma desculpa para os meus pais pelo atraso, antes mesmo de ter perguntado por mim.

— Espero que esteja ciente de que está me devendo uma. — Disse, dando mais uma garfada na torta.

— Agradeço de verdade. Paramos para conversar e o tempo voou. Não tinha percebido que já era tão tarde assim.

— Tudo bem. Mas e aí? O que tanto conversavam?

— Tecnicamente sobre coisas loucas. Ele me falou mais um pouco sobre a vida dele e eu um pouco da minha.

— E quando é que vocês dois se encontraram? Pensei que ele já tivesse ido embora, antes mesmo de sairmos para fora da escola. Quando bateu o sinal, ele saiu tão depressa.

— Pois é... Mas assim que você foi para o carro, eu ia pegar o caminho para casa, foi então que me deparei com ele logo atrás de mim. Aí íamos embora juntos, porém paramos no parque e ficamos até aquela hora quando cheguei em casa.

Elisabeth por mais que estivesse prestando atenção no que eu estava falando, não largava a torta e nem o copo de suco. A cada palavra minha, era uma garfada na torta e uma golada no suco.

— E ele não estava na diretoria.

— Como assim?

— Aquele bilhete que ele entregou para o sr. Magório não era de verdade. Era falsificado. Ele tinha cabulado a aula de química. Ele me falou que não suporta a professora e nem a matéria.

— Estou começando a gostar dele.

Eu ri do comentário de Elisabeth. Pelo menos isso eles tinham em comum. Não gostar da professora e querer explodir a sala, eu acho.

— Posso pegar mais um pedaço?

— Fique à vontade.

Elisabeth já iria para o terceiro pedaço, enquanto eu só tinha dado três garfadas no meu primeiro pedaço.

— Você gosta dessa torta também. O que aconteceu para não querer comer ela toda e não estar me acompanhando no terceiro pedaço? — Disse, percebendo que eu estava pensativo demais para conseguir comer a torta toda.

— O que dirá as estrelas, Elisabeth?

— Como é?

— O que dirá elas de tudo isso?

— De tudo o que, garoto?

— Deixa para lá... É outra coisa que Roy me disse. Estávamos conversando sobre um certo assunto e ele me veio com essa. O que dirá as estrelas?

— Você vai acabar ficando louco com isso.

— Talvez eu fiquei, mas vou entender o que ele quis dizer. Tenho a sensação de que tem algo a mais e eu vou descobrir.

— Boa sorte com isso!

Dez

— Me encanta tudo aquilo que me tira da realidade.

O que dirá as estrelas?

Por mais que eu soubesse o que Roy estava tentando encaixar com a ideia de que as estrelas irão pensar algo, tinha alguma coisa além do que só eu podia contar a verdade para os meus pais. Me vinha a sensação de que ele queria que eu entendesse. Entendesse grandemente.

Mas o que seria esse negócio de entender? Entender o quê?

Enquanto conversávamos no parque, seus olhos eram tão penetrantes em mim, que eu às vezes ficava incomodado. Como se ele visse algo muito lindo ou até mesmo valioso e não conseguisse desviar o olhar, pois aquilo lhe chamava atenção.

Ele tinha a impressão de que ele gostava quando eu lhe perguntava sobre mais coisas ou até mesmo de quando não entendia algumas de suas teorias, que para muitos poderia se considerar maluquice. Porém, tudo aquilo era cativante. Empolgante. Mesmo que fosse algo que ninguém pensaria.

Dois universos em seus olhos, como “o que dirá as estrelas?”.

O que poderia vir mais a adiante?

— Terra chamando Ettore! Onde está com a cabeça? — Disse Elisabeth, estalando os dedos na minha frente, tentando me tirar do transe em que eu me encontrava.

— Desculpa, o que estava falando?

— Na verdade, não estava falando nada. Iremos revisar o trabalho para amanhã, está lembrado?

— Ah é verdade. Me perdoe.

— Tudo bem. Agora, vamos começar desde do zero. Eu apresento a minha parte para você, como se você fosse o professor, e assim vice-versa, está bem?

— Ok.

U

Estávamos prontos para amanhã. Tudo certo e resolvido. Apresentamos nossas partes muito bem explicadas um para o outro e fechamos o nosso trabalho com chave de ouro. Só estávamos torcendo para que nenhum dos dois travasse no momento. Mas tirando esse fato, estava tudo certo.

Ficamos reavaliando o trabalho só para ter a certeza de que não estava faltando nada ou se tinha passado do ponto e estaríamos falando coisas sem importância para a sala inteira. Mas tudo estava nos conformes.

Ficamos duas horas trancados no quarto e a noite havia chegado.

Não sei se é assim com seus pais, mas os meus dormem muito cedo, só para ter o descanso necessário de oito horas. Porém, eu ainda fico acordado. Só vou dormir lá para as dez ou dez e meia. Fico lendo, revisando matéria ou até mesmo vendo TV, nesse período.

E era uma dessas coisas que eu estava fazendo.

Estava deitado em minha cama, lendo as últimas páginas de *A mente promiscua* de um garoto solitário, quando escutei uns estalos irritantes na janela do meu quarto. Primeiro eu tinha pensado que

poderia ser qualquer coisa que havia batido no vidro, pois na Carolina do Leste ventava bastante de noite. Mas logo veio a segunda, terceira e a quarta.

Deixei o livro de lado, colocando-o aberto para não sair da página.

Ao seguir para a janela, Roy estava com uma pedrinha na mão e prestes a atacar outra novamente, porém desistiu assim que me virá parado na janela.

Ao abrir a janela, a primeira coisa que vi, foi a boca de Roy formar um sorriso.

— O que está fazendo aqui?

— Achei que pudesse vir aqui e dar um olá. E quem sabe conhecer seus pais.

— Eles estão dormindo.

— Como é?

— É uma longa história.

— Desce aqui!

— Roy, eu não sei se é uma boa ideia.

— Vem, desce. Pelo que eu saiba, corujinhas não dormem a noite.

Precisava arrumar um apelido para Roy rápido.

Fechei a janela, abri a porta do meu quarto e segui em direção ao hall de entrada que ficava no andar de baixo.

Por sorte, não estava usando meu pijama ainda.

— Eu iria deixar esse passeio para outra ocasião, porém essa é a ocasião perfeita.

— Espera, que passeio?

— Gostaria de vê-las?

— Ver quem?

— As estrelas.

Onze

— Dedique mais tempo ao que realmente te faz feliz.

— Para onde que é que você está me levando, Roy?

Estávamos subindo uma pequena colina, que parecia não levar a lugar algum. Sem mencionar a horrorosa floresta que ficava ao anoitecer. As árvores não deixavam a luz da lua penetrar sobre o verde do chão, o que deixava a paisagem como uma cena de terror.

Eu estava ofegante e cansado. Parecia que tínhamos corrido uma maratona. Estava torcendo para que lá em cima ainda tivesse grama, assim eu poderia me esparramar pelo chão.

— Estamos quase chegando.

Roy não parecia nem um pouco cansado. Era como se já estivesse se acostumado com aquilo. Não via em seu semblante, uma pessoa cansada por andar, ou melhor, por subir demais. Até mesmo estar ofegante. Ele não demonstrava nenhum desses indícios.

— Pronto, chegamos.

Ao chegarmos no topo da pequena colina, fomos presenteados por uma paisagem sem igual.

Bem a nossa frente havia um pequeno lago e um banco feito de gesso logo na beirada, provavelmente para as pessoas se acomodarem. Havia uma grade que impedia de alguém de se jogar de um abismo e ter fraturas graves, porém era muito bem apreciado pelas luzes das casas e pelos postes das ruas, da parte leste da cidade.

E o mais importante estava logo em cima de nossas cabeças.

Roy apontou para cima e logo fomos muito bem recebidos por milhões e trilhões de estrelas que brilhavam sem cessar no céu.

Ele me pegou pelo braço e me levou até o banco, fazendo com que nós dois se sentássemos.

— Como assim eu nunca ouvi falar desse lugar?

— Normal. Provavelmente seus pais nunca falaram sobre essa parte da cidade.

— Por quê? O que tem demais?

— Tecnicamente parece mais uma história da sereia Iara.

— Como é?

— É uma das lendas do folclore brasileiro. Porém, o que houve aqui talvez não chegue aos pés.

— Mas o que aconteceu aqui?

E logo fizemos a mesma cena do parque, novamente.

Roy tirou um cigarro de seu maço que estava no bolso. Fiz o gesto de como estivesse acendendo um isqueiro. E assim que dera uma tragada em seu cigarro meio imaginário e meio real, começou a falar.

— Antes, a parte desse lugar da cidade, era um local de puro lazer. A maioria das pessoas vinham nos finais de semana, ou para namorar ou apenas para trazer a família, pois não tinha outro lugar para ir para aproveitar o dia. Até que algo ruim aconteceu.

— E o que aconteceu?

— Um garoto de 15 anos de idade, sempre gostava de vir aqui e observar a paisagem, sentir a brisa fria que o vento lhe dava e até mesmo sentir o cheiro da terra molhada que o lago proporcionava. Porém, o especial era ver elas. As estrelas.

— Mas o que tem de ruim nisso?

— O ruim é que ele se matou para se juntar a elas. Ele era tão vibrado nelas, que queria ter uma só para si. Mas já que sabia que não podia ter e que nunca isso iria acontecer, a única opção foi se juntar a elas.

— E o que ele fez?

— Ele quis mergulhar no lago e deixar seu corpo. Porém, não tinha coragem para fazer isso. Na verdade, era um jeito que ele não queria morrer. Então ele se jogou desse abismo. Esse é o porquê dessas grades. Antes não havia isso aqui.

— Meu Deus... Como você sabe de tudo isso? Como isso pode ser verdade?

— Na verdade, não é. Eu que acabei de inventar.

Apesar de estar decepcionado, não tive outra reação a não ser dar um riso de desconforto.

— Sério? Cara, eu achei que fosse de verdade.

— Bem, a parte de as pessoas virem aqui, sim. Ainda elas vêm. Porém, não como antes.

— Eu super acreditei nisso.

— Muito obrigado!

— Você deveria começar a escrever esses tipos de histórias.

— Eu escrevo em um caderno que eu tenho, pequenas frases de reflexões. E isso me faz bem. E todas as noites eu venho aqui e olho para elas, para ter uma ajuda quando não consigo escrever.

Ficamos nos olhando por um momento, como se tivéssemos lendo um ao outro. Ou pelo menos as nossas almas lendo uma a outra.

Roy fez o gesto de apagar o cigarro, jogando-o no chão e pisando em cima.

— Porém, corujinha, me sinto assim às vezes.

— Como assim?

— Sentir-se atraído por elas. Como se elas tivessem algo a mais para me proporcionar.

— Não está pensando em...

— Não, claro que não. Só estou dizendo que às vezes, eu acho que deveria saber algo a mais.

— Digo o mesmo.

— Mesmo?

— Sim. Mesmo.

— Mas o que te faz achar que precisa saber algo?

— As estrelas!

Doze

— Resolvi pensar menos, me preocupar menos, ligar menos, deixar as coisas acontecerem.

— Juro que por um certo instante, eu pensei em ir na sua casa depois da escola e te esfaquear inteiro. — Disse Elisabeth, enquanto saíamos da sala de matemática para o intervalo.

— Eu disse que viria. Não poderíamos perder esse trabalho por nada.

— Eu sei, meu querido, só que você não chegava, então fui ficando cada vez mais nervosa com sua ausência.

Elisabeth era incrível em fazer milhares de coisas enquanto conversava e andava ao mesmo tempo. Com uma *piranha* na boca, juntava todo o seu cabelo atrás da cabeça, enquanto segurava alguns livros por debaixo do braço.

— Tem certeza de que não quer ajuda?

— Jshd5@!?!jkc.

— O quê?

Elisabeth enfim prende a *piranha* em seu cabelo.

— Eu disse que não precisava, obrigada. O que eu quero saber é por que você chegou atrasado? Você nunca chegou em um único dia, pelo que eu me lembre, atrasado na escola. Principalmente numa apresentação.

— Roy apareceu em casa ontem. Algumas horas depois, assim que você saiu.

— Sério? O que ele foi fazer lá? E outra, como é que ele sabia onde você morava?

— Isso é algo de que eu não me toquei.

— Esse garoto me parece um tanto estranho, Ettore.

— De certa forma, mas um estranho bom. Do bem, digamos assim.

— Como pode saber isso?

— Eu o convidei para ficar conosco na hora do intervalo, tem algum problema?

— Não, não tem. Mas vou logo lhe avisando, se eu não for com a cara dele, apesar de ele ser um gatinho, não me force uma amizade, ok?

— Tudo bem.

Seguimos para o refeitório, onde habitava milhares de pessoas e grupos clichês de escolas. Nerds, CDF's, populares, patricinhas e por aí vai.

E ao longe, avistamos Roy, sentado numa mesa vazia que continha três cadeiras, contando com a dele. Ele já estava com sua bandeja, aproveitando muito bem sua maçã-verde, seu sanduiche de pasta-de-amendoim, seu suco de caixinha e seu pudim de chocolate.

Elisabeth adorava pudim de chocolate.

— Oi Corujinha, oi... — Disse Roy, se levantando e dando um olá com as mãos.

— Essa é Elisabeth, Roy.

— Oi é um prazer.

— Digo o mesmo, Roy.

Não esperava muito da reação de Elisabeth, porém o ato de Roy com ela foi algo que realmente conquistara a amizade da garota de óculos e de cabelos ruivos.

— Espero que você não se incomode Elisabeth, mas deixei esse pudim para você, pois era o último.

Pudemos ver os olhos de Elisabeth brilharem. E naquele momento eu soube que ela adoraria ter Roy como um amigo. Não porque ele guardava pudins de chocolate para ela, mas pelo fato de ter sido generoso a ponto de ter guardado um pudim de chocolate para ela.

— Por favor, sentem-se.

U

Era algo reconfortante e desconfortante ao mesmo tempo, querer saber o que se passava na cabeça de Roy. De como era seu mundo. E como ele aproveitava o máximo daquilo tudo.

Algo em Roy despertava uma curiosidade insaciável de querer procurar, pesquisar, ir atrás, se perguntar o porquê daquilo e o porquê disso. É como se cada pergunta tivesse sua resposta, não importante se ela fosse algo religioso, científico ou sei lá mais o quê, porém que fizesse sentido em tudo.

Fizesse sentido pelo menos para mim.

— Foi bom conhecer você melhor Roy, de verdade. E obrigado pelo pudim. — Disse Elisabeth, dando tchau para nós, enquanto seguia para o carro de sua mãe.

— Vai fazer algo agora, depois da escola? — Me virei para Roy.

— Não, por quê?

— Que tal você ir para a minha casa? Meu pai não vai estar, mas pelo menos você conhece a minha mãe.

— Eu iria gostar muito.

Treze

— Ela procurava as flores sem saber que a primavera morava dentro dela.

Eu não sei o que minha mãe viu em Roy, mas parecia que tínhamos recebido uma pessoa de figura muito importante em casa. Nunca a vi fazer aquelas coisas que fazia para Roy, com mais nenhuma outra pessoa. Nem mesmo quando apresentei Elisabeth pela primeira vez.

— Minha mãe deve ter gostado muito de você, Roy! — Disse, enquanto subíamos para o meu quarto. Tínhamos acabado de almoçar.

— Por que diz isso?

— Ela nunca foi tão legal, a ponto de fazer tudo aquilo que ela fez. Tipo, não parar de oferecer as coisas, sempre dar atenção para o que falava; perguntar. Ela nunca fez isso.

— Bem, que sorte a minha, não é mesmo? — Disse Roy, dando uma leve risada entre dentes.

Assim que passamos da porta e entramos, no que eu gostava de chamar que era o meu mundo onde podia me refugiar em qualquer situação, Roy foi direto para a minha estante de livros.

— Achei que você tivesse mais livros.

— Não muitos, mas o que tenho, são maravilhosos e não troco por nenhuma outra coisa.

— Por falar nisso, ainda está lendo aquele?

— Sim, estou sim. Já estou no finalzinho, na verdade.

— E como está indo o livro? — Fiz um sinal para que Roy se acomodasse em minha cama.

E assim, ele se sentou, me olhando sem desviar seu olhar.

— Não posso reclamar. Ele me admirou bastante.

— Pode me emprestar ele depois que terminar?

— Claro que posso, mas antes você precisa ler esse — Segui para a estante, onde tirei um livro de capa dura e de cor amarronzada. — “Nunca me deixe ir”.

— Esse é o nome? Do que se trata?

— Fala sobre duas garotas, que são amigas e tals... Porém, uma delas decide dar fim a sua vida, depois de muitos ocorridos horríveis. Então, a garota tenta ajudar sua amiga, querendo lhe mostrar que a vida não era um mar de amarguras e decepções. E ela larga tudo para não deixar que ela se mate.

— Nossa... Que história intensa.

— Sim... Mas é muito boa.

— E ela consegue? Ou a garota se mata?

— Isso você vai ter que descobrir.

Roy pegara o livro de minha mão e o acariciara, depois o colocando em sua bolsa.

Em seguida, ele retira um pequeno caderno que continha algumas figuras coladas e letras de todas as formas e fontes.

— Tome!

— O que é isso?

— Esse é o tal caderno de frases que eu tenho. Anoto todas as frases que acho boa, aí.

Ao abri-lo, vi grandes e curtas frases, às vezes contendo o nome do autor logo embaixo ou até mesmo não.

— Se importa de deixar comigo hoje? Quero lê-lo com calma.

— Claro que não. Pode ficar. Assim que terminar, você me devolve.

Levei o caderno de Roy até minha escrivaninha.

Em seguida, fui para a grande almofada que tinha do lado da minha escrivaninha no carpete do quarto, me jogando completamente em cima.

— Cansado? — Perguntou Roy.

— Um pouco.

Roy seguiu para onde eu estava, sentando-se logo a minha frente. Pedi para que pegasse alguns dos travesseiros da minha cama para se acomodar, mas não hesitou em voltar, apenas se acomodou e ficou ali, me olhando.

Era um tanto constrangedor, mas algo curioso.

O que é que ele estava fazendo, afinal?

— Você é uma caixinha de surpresas, Roy.

— Por que diz isso?

— Não sei... Sempre está me trazendo aspectos novos de seu mundo e eu gosto disso. Mas às vezes não entendo. Como, por exemplo, agora.

Roy deu um sorriso entre dentes novamente.

Um sorriso que me fez pensar: Meu Deus, que perfeição!

— Por incrível que pareça, corujinha, você faz parte do pequeno grupo de que entende o que penso ou até mesmo falo.

— É mesmo?

— Mesmo. Se eu tento ser eu mesmo perto dos meus pais, por exemplo, vou ficar taxado como louco.

— Mas você não é louco. Você só tem uma maneira diferente de ver as coisas.

— Pelo qual você entende.

Quatorze

— Quando tudo for pedra,
atire a primeira flor.

— Gostaria de ir ao Cantinho das Estrelas de novo?

Roy e eu ainda estávamos sentados no chão do carpete. Bem, ele estava sentado no chão, enquanto eu estava em cima da almofada gigante. Ainda de frente, um para o outro, ficávamos nos olhando, como se fosse um jogo de quem tem mais paciência em fazer aquilo. Até o silêncio ser cortado pela pergunta de Roy.

— Aonde?

— Aquele lugar que eu te levei... Eu o chamo assim. O Cantinho das Estrelas, onde a gente pode estar bem mais perto delas.

Por mais que Roy parecesse gostar de, absolutamente tudo, as estrelas eram as que mais lhe chamava atenção. Isso estava óbvio.

— Como vamos fazer isso? Você vai para a casa e assim que meus pais dormirem, você volta?

— Claro que não. Vou perguntar para a sua mãe se ela deixa. Vamos agora mesmo, assim aproveitamos o fim de tarde. E se tivermos sorte, ainda conseguiremos pegar o pôr do sol.

Não era uma má ideia, porém não tinha tanta certeza se ela deixaria. Minha mãe nunca me deixava sair para outro lugar. Ela era muito protetora. Ao extremo, na verdade. Até mesmo para a casa de Elisabeth ela implica. Passa horas falando com a mãe de Elisa no telefone e quando está certa, acaba deixando.

Estava até esperando o não que receberia dela.

— Claro que podem!

Aquilo não estava certo. Minha mãe havia batido com a cabeça ou Roy fez uma lavagem cerebral nela. Com certeza, Roy é um mandingueiro.

— Não se preocupe, iremos voltar cedo para a casa. — Disse Roy, colocando novamente a mochila nas costas, pois havia tirado e colocado no chão por estar um pouco pesada.

— Tudo bem. Sei que Ettore deve estar seguro em suas mãos.

Eu estava parado na cozinha, com um semblante surpreso, fazendo uma cara de quem não estava entendendo nada do que estava acontecendo.

— Ettore, querido, tome... Coloque isso na sua mochila, caso sintam fome. — Um pacote de salgadinhos e uma garrafa média de suco natural.

Eu não falei nada em nenhum momento, apenas segui, como deveria seguir.

U

— Sinceramente... — Tentava dizer, enquanto subíamos a pequena ladeira para o Cantinho das Estrelas. Talvez nunca iria me acostumar com aquilo. —..., eu não faço ideia do que aconteceu com a minha mãe.

— Por que você acha que há algo de errado com ela, corujinha?

— Simples... Ela nunca me deixa sair. Até com Elisabeth ela empaca. Agora com você, foi algo que eu nunca esperaria.

Roy apenas virou para me olhar e deu mais um sorriso que por um fim iria ser entre dentes.

— Vamos lá, estamos quase chegando.

Quase chegando... Essa era a frase que Roy sempre falava, mas nunca se concretizava.

Assim que chegamos ao topo, onde estávamos na noite passada, “corri” direto para o banco, aonde já fui logo me deitando, pois não me aguentava de cansaço, enquanto Roy apenas tirou a mochila das costas, esticou os braços e foi para a beirada do abismo, se apoiando na grade.

— Corujinha, posso te perguntar uma coisa?

— Se não for algo que desgaste mais do que subir essa ladeira abençoada, pode sim.

Roy riu com o meu comentário e logo seguiu para a pergunta.

— Você já se apaixonou?

Quinze

— Quem você está sendo corresponde com quem você é?

Por incrível que pareça, aquela pergunta tinha me pegado de surpresa. Conhecendo Roy, pelo pouco tempo que ficamos juntos, achei que ele iria fazer uma outra pergunta. Uma daquelas que costuma fazer e que me prende de uma tal forma, sem explicação. Mas essa, foi algo de que eu não esperava em nenhum momento.

— Me apaixonar de verdade... Eu acho que nunca. Tive algumas paixonites. Mas nada algo que fora tão afundo. — Roy ainda estava olhando o horizonte, apenas escutando o que saía da minha boca. — E você?

Roy se virou e olhou diretamente para mim.

Colocou as mãos nos bolsos de sua calça jeans e seguiu para sentar do meu lado. Cruzou as pernas assim que se acomodou e os braços fizeram um gesto de se abraçarem. E então ele disse:

— Em toda a minha vida, fui apaixonado apenas por uma pessoa. Que por incrível que pareça, nossa amizade ainda está viva até hoje.

— E quem foi essa pessoa?

— Foi uma garota da minha cidade natal. O nome dela é Genevieve. Uma garota dócil e maravilhosa demais, se me permite dizer. Passamos um ano comprometidos. Até vermos e percebermos que o que estava acontecendo, não era exatamente amor. Amor de verdade. Era uma amizade que tinha grandes laços afetivos. Afetivos fortes até.

— E por isso terminaram?

— Sim. Por esse motivo. Mas eu sei que ela me amava, assim como eu também a amava. Porém, pelo que pareceu, não passava de uma...

— Amizade com laços afetivos. — Concluí.

— Exatamente.

Roy se levantou e seguiu para mais perto do lago e ficou olhando seu reflexo na água, como um espelho. Ele parecia ser o Narciso.

— Você está parecendo Narciso, Roy.

— Uma ótima história, se me permite dizer. Um homem que foi capaz de morrer, só por admirar seu próprio reflexo e achar que era um outro alguém do outro lado da água.

Levantei do banco. Agora era a minha vez de admirar o horizonte.

Assim que um conjunto de pássaros passaram a cima de nós, voando para o pôr do sol, chamei Roy para acompanhar a miragem de um fim de tarde, que ainda estava sentado perto do lago, porém agora brincava com a água, fazendo curvas com os dedos.

— Roy, o show vai começar. Venha ver!

Roy se levantou e seguiu para perto de mim.

E lá estava ele dando tchau para nós.

A paisagem era magnífica. O céu estava alaranjado com manchas rochosas por toda parte. Uma bola de fogo ao longe estava se pondo a cima das montanhas da cidade, enquanto o vento quente dançava junto as árvores do local. Era muito lindo.

Mas o incrível foi a pergunta que acabou escapando da minha boca.

— Mas você está apaixonado por alguém?

Roy fez de novo.

Aquele sorriso conseguia me contagiar de uma forma inexplicável. Por que aquilo mexia tanto comigo?

Sempre que ele sorria, sendo entre dentes ou não e fazia contato visual, sentia meu estômago se retorcer todo. Meu coração palpitar mais rápido. Minha garganta secar e tudo a minha volta desaparecer, como se Roy fosse tudo a minha volta.

— Sim. Estou.

— E ela sabe?

— Não, não sabe.

— Eu a conheço?

— Não sei se você a conhece, ao certo?

— Mas já falou o que sente por ela?

— Para ela, diretamente, não.

Droga. Será que eu estou... Não pode ser.

— E você está apaixonado por alguém? — Perguntou Roy, me fitando com os olhos como se quisesse, realmente, saber aquilo.

— Não, não estou. — Mentiroso. Como pude mentir? Tudo indicava, não tinha como fugir daquilo.

— Ah entendo.

No mesmo instante, o semblante de Roy deu uma leve esmorecida, como se eu tivesse falado algo demais para que ele pudesse ouvir.

— Mas quem sabe algo aconteça...

— É... Quem sabe...

Tentei com certeza, mas não deu muito certo. Porém, o gesto que Roy fez foi algo que eu não esperava.

Ele passou seu braço por trás de mim, me apertando num abraço entre dois melhores amigos.

Aquilo foi algo estranho e maravilhoso ao mesmo tempo para mim. Reconfortante e até mesmo desconfortável. Era uma mistura de sentimentos que eu não entendia nada.

Mas uma coisa era certa... Eu estou sentindo algo por Roy. E aquele sentimento estava crescendo de uma tal forma que eu não conseguia explicar.

Dezesseis

— O que você tem, todo mundo pode ter,
mas o que você é, ninguém pode ser.

Então era assim? Era isso que as pessoas sentiam? E é o tal do sentimento que emana de dentro, que te faz ter borboletas no estômago, formigamento sobrenatural nos dedos e uma vontade imensa de sentir os lábios de outra pessoa nos seus?

Eu sei, pode não parecer verdade nada que eu expresse ou fale aqui, porém estou falando o que, realmente, nunca aconteceu comigo. Tudo isso despertara de uma só vez, o que me fez querer me esconder por não saber lidar com isso. Mas apesar desse sentimento “estranho”, ele é bom de ser sentido.

É como se tudo ao seu redor não girasse mais em torno de você e sim aquela pessoa. Aquela pessoa virasse o seu mundo, o seu universo. Virasse aquilo que você precise para viver. Uma pílula. Um antídoto. Uma poção mágica, talvez.

Não. Não é nada disso. É só o fato dela estar ali. Dela existir. De você poder tocá-la, senti-la. Olha-la. E dizer o quanto está agradecida por ela se fazer presente em sua vida.

Então tudo isso estava guardado dentro de mim, esperando o momento certo de se abrir, por ter a certeza de ter achado a pessoa ideal.

E lá estava ele.

Seus braços cruzados atrás da cabeça, suas pernas entrelaçadas uma nas outras, enquanto observava a paisagem de um céu logo a cima, revestida por um pano negro e lindos pingos de puro calor e brilho, mais conhecido como estrelas.

— “Quando eu sinto necessidade de religião, eu saio à noite e pinto as estrelas”. — Eu não parava de observá-lo. Ele estava deitado sobre a grama verde do recinto, olhando para o céu. Enquanto eu estava sentado com as pernas cruzadas ao seu lado. Roy fechou seus olhos logo em seguida que dissera aquela frase. — Sabe de quem é essa frase, corujinha?

Ele falava comigo ainda com seus olhos fechados, como se estivesse observando algo que eu queria ver também em sua mente.

Parecia que Roy era uma pintura feita a óleo. As curvas de seu rosto. O formato e entradas de cada parte, tão perfeitamente, pintadas... Era confortante em vê-lo. Ele parecia tão em paz consigo mesmo, que por um momento me senti na inveja de ele conseguir chegar a esse grau.

— Não faço a mínima ideia.

— Van Gogh. Vicent Van Gogh.

— Não fazia ideia de que ele escrevia também.

— Ele era um homem de muitas coisas. Até mesmo de enxergar a forma das coisas de um outro jeito. Um jeito que só ele sabia entender e poucos conseguiam lhe acompanhar. Bem, acho que ninguém conseguia lhe acompanhar.

Não disse nada.

Afinal, o que iria dizer? Tudo em Roy me fazia ter a vontade de querer questionar. De querer saber mais. De querer ir mais a fundo e descobrir se é realmente real. Se é tudo verdade ou um mito.

Queria poder entrar em seu mundo e saber como eu posso enxergar... Como eu posso ver... Como eu posso sentir.

— Van Gogh, em um dia de muita chuva, resolvera pintar um quadro. Não se importando se iria lhe molhar ou até mesmo se ele iria ficar doente. E isso me fez pensar em algo.

— O que te fez pensar?

— Me fez pensar a respeito de que, não importa o clima, a situação que você se encontra ou até mesmo o que os outros vão dizer depois. Se você faz aquilo porque gosta, então o que te impede de seguir em frente? Seus próprios pensamentos? O NÃO em sua cabeça? Aperte o botão do foda-se cara, e só vai mesmo estando com medo e com receio. Pelo menos se não der certo, você pode dizer que tentou. E tente novamente.

Ai Roy, o que você tem que faz chamar tanta a minha atenção?

Estava prestes a me levantar, pois minhas pernas estavam começando a doer, quando acabei me desequilibrando e caindo em cima de Roy.

Ficamos frente a frente, com a face de nossos rostos quase grudadas umas nas outras, olhando para os nossos universos. Nossas respirações ofegantes. Provavelmente nossos corações batiam na mesma frequência, quase fazendo uma sintonia melódica.

— Me desculpa, Roy. — Disse, sem jeito, mas ainda estando em cima dele.

— Está tudo bem, corujinha. — Ele deu aquele sorriso.

Por um certo instante, quase não tive controle sobre meu corpo, pois meu rosto estava cada vez mais próximo do seu. Conseguia sentir a respiração que emanava de Roy em meu rosto. Minha garganta seca e meus lábios prestes a fazerem algo que eu não achava que fosse certo. E por um breve instante, pude ver Roy responder na mesma frequência. Sem pressa, apenas deixando rolar.

Bip.

Um som alto fez nós dois acordar para a realidade.

Acabei levantando de cima de Roy, pedindo desculpas mais uma vez.

Ao ver o que era, o som vinha da bolsa de Roy.

— Desculpa, é minha mãe. Ela está perguntando onde eu estou.

— É... Acho que já está na hora de irmos, não é?

— Pois é...

— Vamos então?

— Vamos. Vamos sim.

Por uma fração de segundos talvez tivesse acontecido algo que eu nunca iria esquecer em toda a minha vida.

Apesar de que aquilo, eu não iria esquecer nunca. Jamais.

Dezessete

— O negócio é que; quando você se apaixonada
você fica doida e o mundo fica diferente e
você faz qualquer coisa pela pessoa.

— Algum de vocês dois fizeram o resumo do livro que pegaram para entregar hoje? — Perguntou Elisabeth, enquanto Roy e eu caminhávamos todos juntos para a biblioteca, para mais uma aula de leitura.

— Eu fiz!

— Merda! — Dei um tapa na minha testa ao pronunciar a palavra merda. Eu tinha me esquecido completamente dessa lição. — Eu esqueci.

— Se der algum tempo, tente formular algo com quinze linhas sobre a história, corujinha.

— Corujinha? — Perguntou Elisabeth.

— É o jeito que ele me chama por causa dos olhos, lembra?

— Ah, verdade.

Assim que atravessamos o grande corredor e viramos a esquina, perto da máquina de comidas e bebidas, a biblioteca estava lá, nos esperando com os braços abertos, caso tivesse. E eu já estava sentindo o gosto da encrenca vindo logo em seguida.

Ao entrarmos, carteiras estavam separadas três em três grupos. E uma mulher um tanto jovem para a escola, estava na mesa grande que seria do sr. Magório aquela manhã.

Ela esperou todos se acomodarem em suas carteiras e é claro que no grupo de três, Elisabeth, Roy e eu éramos inseparáveis. E assim que conseguiu nossa atenção, começou a falar:

— Olá a todos, meu nome é Juliet e vou ser a professora substituta do sr. Magório.

— O que aconteceu com ele? — Perguntou uma garota que estava sentada numa das carteiras ao fundo.

— O sr. Magório teve um grave problema de saúde e ficará um bom tempo sem dar aula até se recuperar. E pelo que me foi dado, pelo mesmo, vocês estavam lendo obras magníficas de autores magníficos e o professor passou o trabalho de vocês fazerem um resumo do que entenderam da obra, estou certa?

Todos concordaram numa sintonia de sim.

— Mas gostaria de fazer algo de diferente com vocês hoje. Espero que topem. — Ela se levantou da mesa e se acomodou em cima dela, se encostando na beirada. — Gostaria de fazer algo que vocês, grupos de três, possam interagir uns com os outros. Será como um concurso. E pelo fato d'eu trabalhar também numa editora de livros, vai ser da seguinte forma...

Ela se levantou e começou a andar pela biblioteca, como se estivesse ansiosa demais para ficar parada enquanto contava a tal forma diferente de que iria fazer.

— Irei começar com uma frase na lousa e eu quero que vocês continuem essa frase, montando uma história de, aproximadamente, pelo menos vinte capítulos. Não importa qual gênero literário vai ser. Terror, romance, comédia, ficção... Aí fica a critério de cada um. E assim que terminado as histórias, vocês irão me trazer as escritas e eu lerei todos e colocarei no painel da escola e enquanto vocês escrevem, podem publicar no site da escola para que os alunos consigam ler e darem seus votos. O grupo que tiver a sua história com mais votos, terá a oportunidade de terem sua obra publicada pela editora que

eu trabalho e ainda ter o lançamento do livro na biblioteca da cidade que será inaugurada.

Todos começaram a cochichar de tão surpresos que estavam e pela notícia de que uma biblioteca iria ser aberta em nossa cidade.

— O que acham?

Todos concordarem, animados demais para perceber que a professora ainda não tinha acabado de passar as informações.

— E mais uma coisa turma... Vocês terão o prazo para escrever até o final do ano. E pelo que parece, tem um tempinho corrido para isso, então tentem escrever com calma, deem sentido a história e pensem na forma como irão chamar a atenção dos leitores para que suas histórias não fiquem vagas ou chatas demais, está bem? Agora vou deixar vocês conversando em grupo para decidirem como irão montar o livro.

Roy, Elisabeth e eu nos entreolhamos. Nossos universos brilhavam de uma tal forma como se já soubéssemos a história que escreveríamos.

— Irei colocar a frase na lousa. Anotem. E irei colocar o meu e-mail, caso forem escrever pelo computador, está bem?

— Podem deixar que eu anoto. — Disse Elisabeth, pegando um pedaço de papel e uma caneta de sua mochila.

Seria uma longa jornada pela frente.

Dezoito (Roy)

— Essas alegrias violentas, têm fins violentos. Falecendo no triunfo como fogo e pólvora que num só beijo se consomem.

Nunca levei em consideração que as mudanças em nossa vida podem ser para melhorar o seu estado. Desde que eu me lembre, tudo o que ocorrerá até agora, não foram coisas boas. Muito pelo contrário, tudo estava numa perfeita merda. Numa perfeita escuridão.

Por eu estar num presente diferente; ao olhar para o passado me surpreendo em enxergar como, realmente houve uma mudança.

E não posso reclamar.

A mudança em si, começou a se fazer presente em minha vida aos meus quatorze anos de idade. Porém, devo voltar antes dessa idade para que as coisas comecem a fazer algum sentido.

Marcas, feridas, palavras e mais algumas coisas foram o conjunto perfeito para que eu desistisse de tudo. Até mesmo da minha própria vida.

Ainda é nítido o primeiro ocorrido que me fez acreditar que a vida não é um mar de rosas, onde todos se amam, onde todos se perdoam. Onde todos se ajudam. E foi a partir daquele momento que tudo esfriou. A chama que ardia dentro de mim se apagara de uma tal forma, que eu nunca achei que isso fosse possível.

E isso acontecera quando eu tinha apenas seis anos de idade.

Sentado a mesa da cozinha, fazendo o meu dever de casa, enquanto era obrigado a escutar minha mãe reclamar que tudo era ela naquela casa. Que ninguém a ajudava e que era um castigo de Deus por ela estar passando por aquilo.

Eu queria que aquela noite nunca tivesse existido.

Papai havia chegado um pouco antes de mamãe colocar a mesa para o jantar. Papai trabalhava numa empresa de contabilidade e sempre chegava tarde por nunca conseguir terminar alguns relatórios e deixar organizada a planilha que gerenciava para a empresa.

E foi a primeira vez que vi ambos explodirem um com o outro.

— Chegando atrasado de novo, Robert? — Começou mamãe, enquanto batia com força a tampa da panela com carne.

— Não comece a me encher o saco, Margaret. Não estou muito bom.

— Você nunca está bom para nada, não é mesmo? Agora sair e encher a cara você sabe e tem energia para isso.

— Cale a boca, sua inútil. Se eu faço isso, é porque eu preciso aguentar você e suas reclamações.

— Reclamações? Se eu reclamo é porque eu tenho motivo. Você não me ajuda em nada dentro de casa. Nem pegar seu filho na escola você tem tempo. Agora ir para os bares com seus amigos é o primeiro a dar o passo adiante. E eu tenho que fazer tudo nessa casa. Tudo.

— Eu não pego Roy na escola, porque eu não posso, pois trabalho numa empresa em tempo

integral. E quando eu saio nos finais de semana, e só para não ficar escutando o que você tem para reclamar, como está fazendo agora.

— Seu canalha, eu já não estou mais aguentando você. Já não aguento mais nada nessa casa. Nada! E assim se passou em torno de meia-hora a discussão dos dois.

Naquele momento, eu era uma criança assustada com o que estava acontecendo, afinal eles nunca tinham discutido daquela forma. Sempre quando tinha algo de errado, ambos sentavam e conversavam como duas pessoas civilizadas. Mas naquela noite a roda tinha virado de cabeça para baixo.

E eu estava petrificado com o coração batendo muito rápido, com um nó na garganta.

E assim que ambos terminarem de brigar, os movimentos do meu corpo voltaram e sem dizer uma palavra se quer, arrumei o meu material e subi com minha mochila para o meu quarto, trancando a porta.

Os dois estavam tão furiosos um com o outro que nem perceberam a minha ausência na cozinha.

E com a luz apagada, me cobri com o meu cobertor, abraçando o Max, meu ursinho de pelúcia e tentando processar o que tinha acabado de acontecer.

Por mais que ambos se culpassem ou culpassem um ao outro, eu tentava me colocar no lugar.

Papai era um homem muito ocupado na empresa e o chefe dele não ia muito com sua cara, o que fazia com que ele fosse bem mais odiado do que os outros funcionários. Mamãe era bem zelosa e ativa com as tarefas domésticas em casa, sempre tentava deixar tudo nos conformes, por mais que passasse a maior parte do tempo reclamando. Sem mencionar que às vezes ela colocava a culpa em mim, por coisas que eu não tinha feito, porém eu sempre tentava pensar que era porque ela estava com a cabeça muito cheia e entendia esse seu lado, pois por mais que fosse mãe, ainda sim ela era um ser humano, onde tinha sentimentos e exaustões. Assim como papai também era.

E a partir daquele instante, eu tinha tomado a iniciativa de sempre ajudar mamãe com alguma coisa de casa, nem que fosse para deixa-la limpa, esquentar leite para o café da manhã ou deixar minha cama arrumada assim que acordasse. Tudo para que ambos não voltassem a brigar novamente.

Porém, fora tudo em vão. Mas algo eu aprendi... Faça, não espere a ajuda dos outros. Você vai se sentir bem mais confortável. acredite.

E a segunda maior briga que aconteceram entre os dois, ocorreu quando eu tinha doze anos de idade.

Mamãe estava enfeitando panos de louça, usando o crochê, pois algumas amigas haviam feito encomendas para ela. E lá estava ela, passando a linha e a agulha entre os dedos, formando lindas linhas decorativas.

Eu lia um livro que havia pegado na biblioteca, pelo qual não me recordo o nome, só sei que falava sobre uma vassoura que tinha vida própria que não parava de varrer a casa.

E então, papai havia chegado de mais um dia de trabalho... E uma noite de bebedeiras sem fim.

Ele estava cambaleando de tão bêbado. Quase caía e derrubava as coisas, por onde passava.

A gravata estava posta de um jeito estranho, enquanto a camisa social branca estava toda amarrotada e suja.

— Boa noite para todos. — Disse ele, com a confirmação de que estava completamente bêbado.

Mamãe nem se quer olhou para ele.

E percebendo que aquilo não iria dar muito certo, tentei ser gentil em perguntar se ele estava com fome e se ele queria que eu preparasse algo para que ele pudesse comer. Pois eu sabia que quando alguém que estava bêbado, ao comer, o teor de álcool abaixava bastante.

Porém, assim que deixei o livro de lado e iria seguir direto para a cozinha, mamãe disse que era para eu voltar para o meu lugar e que eu não iria preparar nada para o papai.

E foi quando a briga começou. Mas, não achei que fosse terminar num gesto trágico.

— É o quê? Quer me deixar com fome mulher?

— Se esse for o caso, vou deixar sim. Você chega em casa a essa hora e ainda vem querer que alguém prepare algo para você comer? Olhe o seu estado, Robert. Está fendendo a cachaça e ainda todo amarrotado.

— Olha, eu não sou obrigado a ouvir isso. — Papai largou sua mala e seu paletó em cima do sofá.

— Roy, filho, vai preparar algo para o papai comer, vai.

— Não ouse dar nenhum passo, garoto. Se ele quiser, ele mesmo vai preparar. Ninguém é escravo seu não, Robert.

— Olha aqui mulher. — Disse ele, levantando o dedo na altura do nariz de mamãe.

— Não ouse apontar esse dedo para mim, seu filho da puta. — Mamãe deixou o crochê de lado e logo se levantou para ameaçar o papai.

— Você vai ter que fazer o que eu mando, deu para entender? Eu sou o homem.

— E o que isso tem haver? Você pode ser homem, mulher, o caralho a quatro, mas em mim você não manda, pois eu sou sua mulher e não sua escrava.

E foi nesse momento que um grande barulho soou.

Papai havia dado um tapa na cara de mamãe.

Mamãe não teve outra reação a não ser dar outra em troca e ainda colocar papai para fora de casa a pontapés. Xingando ele de tudo que fosse ruim.

E ainda com a mão na cara pelo tapa, ela trancou a porta e se virou para mim, dizendo:

— Por que não fez nada?

E seguiu para a cozinha.

Não fiz nada mamãe, porque não tive reação. Não achei que papai fosse lhe dar esse tapa na senhora. Me perdoa.

Mas nada saiu. Muito pelo contrário.

O que fiz foi correr para o meu quarto, me trancar lá dentro e chorar como uma criança de seis anos, por não ter feito nada para separar a briga dos dois. Por não ter ajudado a mamãe.

Porém, com o passar dos anos, eu percebi que não tinha culpa de nada daquilo e que eu não podia fazer nada, pois a briga era dos dois.

Foi então que acabei amadurecendo. E foi bom para mim. Até certo momento...

Dezenove

— Quando a alegria de outra pessoa for sua alegria, você terá entendido o significado de amar.

— Então só para confirmar, a nossa história ficará por assim mesmo? — Perguntou Elisabeth.

— Sim. Ficaré do jeito que está. Uma garota de aproximadamente a nossa idade acaba se mudando de cidade, deixando sua melhor amiga. E por esse motivo, ela acaba conhecendo pessoas novas, que lhes abrem os olhos para grandes coisas. Então a isso irá envolver muitos assuntos literários ao mesmo tempo. Gêneros misturados. — Respondeu Roy.

— E já sabemos o nome do nosso livro? — Minha vez.

Roy olhou tudo envolta como se procurasse a resposta ao redor de nossa sala. Até que algo deve ter brilhado em cima de sua cabeça, pois ele estalou os dedos e disse:

— Que tal: Aos Olhos de Rita Francesca?

— Para mim está perfeito. Concorda Ettore?

— Claro, ficou ótimo.

U

A aula havia terminado assim que decidimos o título do livro. Roy ficaria com a responsabilidade de escrever a história, enquanto Elisabeth ficaria com a responsabilidade de revisar cada capítulo, concertando erros gramaticais e ortográficos, enquanto eu apenas teria o trabalho de divulgar a nossa história e compartilhando pelo site da escola o livro, para a votação.

Sáimos da biblioteca, indo direto para o refeitório.

Estávamos prestes a virar a esquina, quando aparecera uma garota de estatura baixa, com seus cabelos castanhos amarrado num rabo de cavalo, com uma pilha de papéis em seus braços.

— Festa na minha casa no próximo sábado, eu quero todos vocês lá.

Por mais que não a conhecêssemos, ela entregou um folheto para cada um de nós e concluiu, dizendo:

— A fantasia, está bem?

E saiu, sem dizer mais nada, entregando pelo corredor mais folhetos para as pessoas dali presentes.

— Ela confia mesmo no povo dessa escola? Aposto que os pais devem estar viajando e não fazem a mínima ideia de que sua casa irá virar um lugar para beijos estranhos e pessoas em coma alcóolico.

— Bem provável. — Disse Roy, concordando com a teoria de Elisabeth.

— Vocês vão? — Perguntei.

— Por que não? Cara, se tem uma coisa que eu gosto é de festa. Principalmente se ela for a fantasia. Vai ser demais. — Disse Elisabeth, olhando atentamente para o folheto, checando direitinho o endereço, o ponto de localização e a que horas iria começar.

— E você vai Roy?

— Faz um bom tempo que não participo de uma festa assim... Não vou perder essa chance por nada.

— E você vai, Ettore?

— Eu não sei. Nem sei se meus pais deixariam.

— Ah cara, dá um tempo. Você só está indo para uma festa. O que tem demais nisso?

— Você sabe como são os meus pais, Elisabeth.

— E se eu convencesse sua mãe, corujinha, a te deixar ir? Aposto que ela deixaria, assim como da última vez.

— Última vez? — Elisabeth fez uma cara, sem entender nada do que Roy estava mencionando.

— Fui nada casa do Ettore, então o convidei para irmos ao Cantinho das Estrelas, que fica em cima num dos morros. Então, a mãe dele deixou.

— E onde é que fica isso?

— Se você quiser ir, estou indo lá hoje. Você vai vir, não vai corujinha?

— Eu não sei se estou afim de sair hoje. Estou precisando é da minha cama e uma boa soneca. Vá você e Elisabeth, aposto que ela vai gostar de lá.

— Tudo bem, garotos. Depois discutimos isso, vamos comer antes que o intervalo acabe.

“Oi, eu sou a Alessa,

venha participar da minha festa a fantasia, onde irá ter comes e bebes, muita música, diversão E QUEM SABE algumas paquerinhas.

Rua Monte Carlo, nº 34 ao lado da mercearia Mir. 23/03 às 18:14

Te espero lá”.

Vinte

— Decifra-me, mas não conclua.
Eu posso te surpreender.

Infelizmente Elisabeth não conseguira ir conosco para o Cantinho das Estrelas. Ela teria que acompanhar sua mãe em algo mais importante e que nosso passeio ficaria para depois.

Mas lá estávamos nós, Roy e eu, sentados sobre a grama, olhando o céu estrelado logo a cima de nós, como se estivéssemos admirando a arte de um grande e renomado pintor.

Estávamos em total silêncio, como se aquele lugar fosse uma biblioteca, onde não poderia fazer nenhum som se quer. Porém, quem iríamos incomodar? Os únicos seres dali eram apenas nós dois.

Ainda com seus olhos sobre o céu, Roy tomou a iniciativa de quebrar a barreira do silêncio, dizendo:

— Corujinha, eu não sei se vou aguentar por muito tempo.

— Aguentar o quê, Roy?

— Lembra de quando eu disse que estava apaixonado por outra pessoa?

— Lembro sim.

— Então... A cada momento que eu passo com essa pessoa, meu coração a ama mais. Eu não sei se vou aguentar muito tempo. Eu preciso contar a ela o quanto a amo e o quanto quero ficar perto dela.

— E por que não conta?

— Medo. Medo de não ser correspondido. Medo de eu acabar com uma amizade, que por mais não tenha tanto tempo assim, possa desmoronar como um castelo de cartas.

Levantei-me, fazendo o mesmo que ele fizera no dia em que estava na minha casa. Segui para me sentar em sua frente. E ao olhar seus universos que brilhavam e lagrimejavam de um choro que estava prestes a vir, comecei a lhe dizer:

— Roy, não sei se sou a pessoa certa para lhe dizer isso, mas eu penso dessa forma: É melhor tentar algo, do que se arrepender mais tarde e saber toda a verdade, só pelo medo de não ter tentado. Talvez essa pessoa o ame, assim como você ama ela, porém ela também tem medo de se abrir. Tecnicamente, vai ser algo que puxa o outro. Quem sabe você se abrindo para essa pessoa, ela também se abra, dizendo que sente o mesmo por você.

— Tem razão corujinha. Devo fazer isso.

— Isso. Tem mesmo.

Roy se levantou, seguindo para a grade, se apoiando com seus braços entrelaçados e olhando a bela paisagem estagnada a sua frente, onde saberíamos que não iria para lugar algum.

— Roy?

— Sim?

— O que foi?

Segui para junto a ele, estando alguns centímetros longe.

Roy se virou para me encarar, se agachou, com um joelho no chão, enquanto seu outro pé fazia com que se equilibrasse naquela posição.

Roy estava com lágrimas em seus olhos, que rolavam por sua face. Pegou minha mão direita logo em seguida e deu um leve beijo, me olhando fixamente. E começou dizendo:

— Talvez não tenha ficado claro sobre essa pessoa. Mas espero que agora seus olhos abram para

quem estou falando. Por mais que tenhamos nos conhecido há tão pouco tempo, você acabou despertando algo dentro de mim que desde o meu último relacionamento não achei que fosse capaz de sentir de novo. Ao olhar para você, meu coração bate rápido, como se você mexesse de alguma forma comigo. Como se o meu mundo e o meu universo fosse você. Como se eu precisasse de você para respirar. Não sei se você percebeu, porém você também abriu meus olhos para muitas coisas. E essa é uma. Abriu meus olhos para um amor que eu nunca tive antes. E eu amo você do fundo do meu coração, como nunca amei ninguém. E não sei você vai me corresponder da mesma forma, mas aí vai... — Cada palavra, era uma flechada do cupido em meu coração. — Corujinha, você quer namorar comigo?

Aquilo foi o bastante para que eu pulasse em cima de Roy e o beijasse, sem medo de o tempo passar.

O puxei para cima, segurando suas duas mãos.

Sem desviar o olhar de seus universos, aproximei ainda mais de seu rosto, com a respiração ofegante, as mãos suando, meu coração batendo tão forte que poderia pular para fora do meu peito e com um leve e doce beijo, nossos lábios se entrelaçaram, dando-lhe a resposta para sua pergunta.

Mas no mesmo instante, tudo começou a tremer.

O que estava acontecendo? Um terremoto? Como poderia haver terremotos ali na cidade? Ficávamos num lugar onde se chegasse algum terremoto, viria numa frequência baixa, quase não dando para senti-lo.

O chão começou a rachar, debaixo de nossos pés.

E assim que puxei Roy para sairmos dali me dei conta que ele havia sumido.

E no mesmo momento, um abismo se abriu logo abaixo de mim. E então cai, num buraco que parecia que não tinha fim.

A horrível sensação de se estar caindo.

E então, num súbito susto, acordei ofegante.

Vinte e Um

— Às vezes, não há nenhum aviso. As coisas acontecem em segundos. Tudo muda. Você está vivo. Você está morto. E as coisas continuam. Somos finos como papel. Existimos por acaso.

É sério isso?

É claro que tudo isso só poderia ter sido um sonho. Não estava nem aos pés de se tornar realidade. Eu havia pego no sono enquanto terminava de ler os últimos capítulos do livro.

Ao olhar para o relógio que ficava em cima da minha escrivaninha, marcava exatamente 20h30. Eu havia dormido cinco horas inteiras. Não sabia que meu corpo precisava desse sono todo.

Levantei, colocando o livro em cima do meu criado-mudo.

Segui para a cozinha, pé ante pé, para não acordar meus pais, que provavelmente já estavam no terceiro sono. O piso de nossa casa era de madeira, revestida com carpete, porém ainda havia algumas tábuas que rangiam; que poderiam muito bem tomar lugar do despertador pela manhã.

Mas algo estava errado.

Ou alguém tinha deixado a luz da cozinha acesa ou ainda alguém estava acordado.

Segui cautelosamente para perto da porta, esperando encontrar alguém na cozinha, porém a minha primeira teoria estava certa. Provavelmente mamãe ou papai haviam deixado a luz acesa.

Segui para o armário, para pegar um copo, pois minha garganta estava seca, como se eu tivesse engolido areia. Mas foi quando me deparei que ele estava aberto. A porta do armário estava aberta. E havia uma pequena poça de água logo abaixo.

Como eu não a tinha sentido antes? Estava tão cansado assim para não perceber?

Depois de ter arrumado a pequena bagunça que mamãe havia deixado em cima da mesa e de secar a poça, tomei um gole de água e segui para o quarto novamente, percebendo que não estava ouvindo os roncos do meu pai. Isso era impossível, pois ele sempre roncava todas as noites.

Talvez não esteja fazendo sentido para você, mas para mim faz todo sentido. Mamãe até tem que colocar algo em seus ouvidos para conseguir dormir.

Foi então que cheguei perto da porta, colocando meu ouvido esquerdo perto da madeira para conseguir escutar algo. Mas nada. Absolutamente nada.

Ao girar a maçaneta, me deparei com a cama toda arrumada e um silêncio total.

Como assim? Onde estão meus pais? O arrebatamento chegou e eu fui deixado para trás ou o quê?

Foi quando naquele exato momento, escutei o telefone de casa tocar na sala.

Aquilo já estava começando a me assustar. Parecia mais uma cena de terror. Eu estava num filme e não sabia?

Desci correndo para atender o telefonema, quase caindo num dos degraus e rolando escada abaixo.

Ao pegar o telefone, só pude escutar a voz de meu pai do outro lado da linha, perguntando para uma outra pessoa presente se *ela* estava bem. E logo em seguida pude escutar uma sirene de ambulância e a ligação veio ficar muda.

O que estava acontecendo, afinal?

Voltei correndo para o meu quarto, colocando meu All Star de maneira quase impossível nos pés e logo depois peguei uma blusa de frio.

Procurei onde estava as chaves de casa, porém não as estava encontrando, mas não tinha tempo a perder.

Deixei as coisas como estavam; as portas apenas encostadas e as janelas fechadas, porém sem trinco. Chegando a conclusão de que qualquer um poderia roubar a nossa casa caso quisesse.

E fui apenas torcendo para que nada, seja lá o que tivesse acontecido, fosse algo grave.

Vinte e Dois (Roy)

— Quando fico nublado por dentro,
lembro que preciso me deixar chover
para poder clarear.

Aos meus quatorze anos, eu me tornei algo que eu nunca achei que fosse me tornar. Talvez eu tivesse aquele Roy dentro de mim, desde quando eu vim para essa mundo, porém só ele sabia o momento certo de se despertar dentro de mim. Dois anos e sempre o mesmo inferno. As mesmas brigas e os mesmos banimentos para fora de casa. Aquilo tudo já estava deixando meu psicológico a mil, a ponto de explodir a qualquer momento.

Aos meus doze anos, quando mamãe havia expulsado papai para fora de casa, eu achei que a partir dali tudo iria mudar. Mesmo não estando juntos, poderíamos seguir nossas vidas em paz, sem ao menos uma briga que fosse. Eu iria visitar papai aos finais de semana e tudo estaria resolvido.

Só que foi um engano meu.

Passados duas semanas, mamãe e papai haviam se “acertado”, prometendo um para o outro não brigarem mais. Mamãe prometendo não reclamar mais de nada, enquanto papai fizera a promessa de beber apenas socialmente.

Mas tudo não passava de um mero blefe dos dois. E eu como uma criança boba, havia acreditado, sentindo que Deus havia escutado minhas preces. Só que não.

Mas não podia culpa-lo por isso. Ele havia outros problemas mais importantes do que as brigas bobas dos meus pais.

E foram dois anos de puro inferno, achando que tudo havia se resolvido.

E aos meus quatorze anos, me rebelei. Não contra eles. Mas contra a mim mesmo, matando a criança inocente, boba e fútil que eu era, para um Roy sem paciência, não dando atenção para detalhes que não valiam a pena dar e apenas fazendo um papel de um filho dado a tarefas dentro de casa, mas que nunca desperdiçava uma boa festa todos os finais de semana.

A partir daquele momento, tinha prometido para mim mesmo que não iria me tornar submisso e dependente aos meus pais, então fui atrás do meu primeiro emprego.

E não demorou muito para que eu o conseguisse, pois por mais que eu fosse um adolescente rebelde de quatorze anos, eu tinha responsabilidade e agia com maturidade, por mais que não parecesse às vezes.

E com o tempo passando, sem esperar homem algum, meus pais perceberam que eu havia mudado de uma tal forma, que acabou deixando-os chocado com a puta responsabilidade que eu estava tendo. Estudando de manhã, trabalhando quatro horas a tarde e ao chegar em casa, apenas escutando suas brigas e tapas, sem ao menos dar a mínima, enquanto limpava e lavava a lousa ou varria o chão. E assim, todos os dias. Sem reclamar e nem ao menos chorar, por mais que lá no fundo eu quisesse.

Até achei que minhas lágrimas haviam se secado.

Mas meus dezesseis anos de idade tinha chegado. E sim, estou pulando alguns momentos, pois não creio que venham ser interessantes, a não ser que você goste de algo monótono.

Sabia que não.

Aos dezesseis, foi quando conheci Genevieve.

Ela tinha acabado de entrar para a escola; provavelmente onde tinha uma vida bem mais legal do que a minha.

Ela tinha aulas junto comigo, todas as terças, quartas e sextas, onde a matemática, filosofia e química se faziam presentes.

Nos demos muito bem à primeira vista. Agradeço grandemente pelo sr. Muller, sra. Misty e o sr. Hortys, por terem nos colocado juntos em suas aulas.

Em matemática, Genevieve era a mais esperta com cálculos, onde sempre me ajudava em equações e frações, completamente complexas. Enquanto em filosofia, eu tomava conta de passar aquilo que eu entendia para ela. Um ajudava o outro, sempre disposta a fazer qualquer coisa que fosse.

E tudo aquilo, aquela amizade que florescia a cada momento, acabou se tornando algo a mais.

Genevieve era uma garota de cabelos longos de cor de chocolate. Olhos castanho-escuros, pele branca quase pálida.

Ela era linda por fora, mas também por dentro.

Era sábado, quando saímos junto aos amigos de Genevieve, para ficarmos *de boa* no Central Park da cidade. Levamos alguns cigarros, garrafas de vinhos e até mesmo uma garrafa de vodca com soda, caso alguém quisesse toma-lo para ficar mais pirado do que já estava.

Não bebia muito, mas fumava que era uma beleza na época.

Até que estava sendo divertido esse dia.

Pelo menos não estava preocupado com brigas, nem com as discussões dos meus pais.

Ali era eu. Eu e Genevieve, apenas.

Tudo o que eu precisava naquele momento.

Ficamos sentados numa mesa, onde colocamos músicas para tocar, enquanto uns conversavam com os outros e claro, bebiam sem parar.

Genevieve e eu, estávamos sentados num dos bancos, bebendo um pouco, enquanto eu fumava um cigarro Black de cravo.

Até que certo momento, paramos de tagarelar e ficamos nos olhando, como se nossas almas estivessem pedindo um pelo o outro.

E quando nos demos conta, já estávamos nos beijando de uma forma tão boa, tão doce, que não queríamos parar nenhum pouco. Até os amigos de Genevieve começaram a gritar, espantados e surpresos. Apenas rimos com a situação.

E foi naquele momento que descobrimos que nos amávamos. Que tudo estava sendo construído para que déssemos certo.

Naquele momento eu soube o quanto o meu coração queria Genevieve. O quanto eu queria ela por perto. O quanto eu a amava.

Porém, foi o que eu pensei que fosse.

Vinte e Três

— Tudo que você está passando, está te preparando para aquilo que você pediu.

Vamos, Ettore, estamos quase lá.

Meu consciente conversava comigo enquanto eu corria pelas ruas, indo em direção ao hospital que ficava a dez quadras de distância da minha casa. Com a respiração ofegante, a única pessoa que vinha em minha cabeça era minha mãe. Esperava que nada demais tenha lhe acontecido.

Ao atravessar o farol de pedestres, correndo que nem um louco, enquanto as pessoas me olhavam com um olhar de estranheza, já conseguia ver o grande hospital à frente. Pelo que parecia, estava completamente lotado, com ambulâncias chegando uma atrás das outras.

Acontecera algum acidente? Bem provável.

Ao atravessar o grande portão de cor verde e indo em direção ao hall de entrada do hospital, segui direto para a recepção, onde uma mulher de cabelos enrolados num coque, falava no telefone, enquanto anotava algumas coisas em uma caderneta.

— Em que posso ajudar, querido?

— Eu gostaria de saber de um paciente chamado Willian Scott?

— Só um minuto, por favor.

Ao digitar o nome no sistema do hospital, procurando por pacientes, a mulher da recepção fez uma careta, como se um ponto de interrogação estivesse aparecido logo a cima de sua cabeça.

— Desculpe, mas não tem nenhum Willian Scott.

— Então tente, Lilian Scott, por favor.

E mais uma vez ela digitou o nome no sistema. Porém, ao invés da careta, pegara um papel e começara a anotar algo nele, pelo qual eu não conseguia entender o que era. E logo depois dirigiu a palavra a mim, dizendo:

— Temos uma Lillian Scott, que está no leito do terceiro andar, no quarto 130.

— Ah obrigado!

Mas antes que eu pudesse sair correndo para o terceiro andar, ela voltou a me chamar.

— Posso te deixar ir lá, mas primeiro preciso saber seu nome para fazer um crachá como visitante.

— Ettore Scott.

— Como é que se soletra o primeiro nome por favor?

— E-t-t-o-r-e. Ettore.

E alguns segundos demorados, ela tirara da impressora um pequeno papel, colocando-o em um plástico pendurado a um barbante.

— Pronto, aqui está. Lembrando que os horários de visitas terminam as 23h, está bem?

— Tudo bem, muito obrigado!

E lá fui eu, seguindo para o terceiro andar. Tropeçando nos degraus de escadas cansativas. E ao procurar o quarto 130 e o localizando, fui logo abrindo a porta sem ao mesmo bater.

Meu pai estava sentado numa das poltronas do quarto, enquanto o leito estava vazio.

Por favor, que nada de ruim tenha acontecido!

— Pai?

— Ettore!

Ele veio em minha direção, me dando um abraço solidário.

— O que foi que aconteceu? Eu acordei e percebi que vocês não estavam em casa. A porta do armário aberta, a luz da cozinha acesa, a poça de água no chão. Onde está a mamãe?

— Sua mãe está fazendo uma tomografia.

— Tomografia? Meus Deus, o que aconteceu?

— Venha. Sente-se aqui.

Eu não sei se queria sentar. Estava tão aflito pelo que tinha acontecido. Ainda estava em completo choque.

— Estávamos na cozinha, quando sua mãe foi abrir o armário para pegar algo. Ela logo percebeu a poça de água que estava saindo da merda daquela geladeira. E quando ia se virar para pegar um pano para limpar aquilo, ela escorregou, bateu a cabeça na porta do armário e desmaiando na hora.

— Deveria ter me acordado, pai.

— Deveria, mas no momento eu não tive outra reação a não ser trazê-la para o hospital.

— E como ela está?

— Ela acordou assim que chegamos aqui, reclamando de dores na cabeça.

— E a tomografia?

— É para ver se não aconteceu mais nada de grave com ela na hora da queda.

Eu não tive outra reação a não ser meus olhos começarem a encher de lágrimas, minha garganta dar um nó tremendo e eu colocar a mão no rosto para chorar.

Pode ser bobeira minha, mas o momento que no meu sonho houve o terremoto, havendo um estrondo e abrindo a terra embaixo dos meus pés a metade, foi o momento certo que a minha mãe caiu. Meu cérebro deve ter projetado isso de imediato. Ou pode ser apenas besteira da minha cabeça.

Não, não pode ser. Pois se fosse, eu teria escutado o barulho do carro ou o bater da porta.

Eu só tinha que acordar mesmo.

Esperava que minha mãe estivesse bem.

Por favor estrelas, ajudem a minha mãe!

Vinte e Quatro

— Não haverá borboletas se a vida não passar por longas e silenciosas metamorfoses.

Os médicos disseram que ela baterá a cabeça muito forte, fazendo-a a ponto de desmaiar, mas graças que não fora algo tão grave. Os resultados dos exames haviam saído. Nada havia sido fraturado; nenhuma parte da cabeça havia sofrido algum dano. E as dores foi algo normal, pelo fato da batida forte que ela tinha dado quando caíra. Mas ainda ela teria que ficar pelo menos mais uma noite no hospital para observação, caso algo venha aparecer. Se até amanhã de manhã ela estivesse reagindo melhor ainda aos medicamentos, ela teria alta logo pela tarde.

— Qualquer coisa ou até mesmo dúvidas que tenha sr. Scott, é só mandar me chamar, está bem? — Disse o médico.

— Tudo bem. Muito obrigado, doutor.

O doutor seguiu para fora do quarto. Mamãe tinha acabado de chegar do exame. Estava muito exausta. A única coisa que fizera quando chegara no leito, foi olhar para mim, com os olhos ainda semicerrados, dizer meu nome num sussurro e voltar a dormir. E agora, ela dormia como um anjo.

— Filho, acho melhor você voltar para casa. Amanhã você tem aula. Precisa descansar.

— Que? Claro que não. Eu não vou ir para a escola. Minha mãe está aqui, não vou deixa-la.

— E eu vou cuidar dela. Você acha que sua mãe iria querer que você perdesse aula por causa dela?

Por favor, vá para casa e descanse. Amanhã você vem depois da aula para levamos ela embora.

— Mas pai...

— Por favor, Ettore. Sei que quer ficar com sua mãe. Mas ela está bem agora. Não temos mais nada para fazer a não ser esperar como ela irá reagir aos medicamentos, então... Vá para casa.

— Tudo bem.

Peguei a minha blusa que estava posta sobre em cima da poltrona e segui para onde minha mãe dormia, amarrando-a em minha cintura. Dei-lhe um beijo suave em sua testa e acariciei seus cabelos. Virei-me para o meu pai, dando-lhe um abraço e pedindo para que me ligasse, caso algo acontecesse.

E lá fui eu, pegando o mesmo caminho que vim correndo. Agora voltando calmamente, mas ainda com o coração apertado de uma forma que eu não consegui distinguir o porquê e o que era aquele sentimento todo.

U

É claro que eu não conseguiria dormi àquela noite. Primeiro, porque já tinha dormido a tarde toda. Segundo, minha mãe estava no hospital, por mais que estivesse bem, meu cérebro não me deixaria em paz por pensar que ela estava dormindo em um leito, enquanto tomava várias medicamentos orais e injetáveis.

Não entrei para dentro de casa. Muito pelo contrário. Sentei no degrau da escada da varanda, que ficava na frente de casa.

O céu estava todo revestido de negro com pequenos pontinhos brilhantes, não podendo e nem que quisesse contar, pois eram muitos. Naquele instante, eu só queria que alguém estivesse comigo. Mas eu sabia quem poderia me ouvir, pois foi Roy quem dissera. Elas. As Estrelas.

Segurei minhas pernas, encostando meu queixo nos joelhos.

Estava prestes a fazer algo, que se eu fizesse, não teria mais volta alguma. E eu sabia que não iria conseguir parar.

Mas ao deparar com um garoto que estava me olhando de longe, do outro lado da rua, com um semblante confuso, soube que não precisava eu ter medo. Não precisava me segurar. Seria bem melhor eu colocar tudo o que estava sentindo naquele momento para fora. Guardar aquilo só iria acrescentar mais dinamite para algo que estava a ponto de explodir dentro de mim.

Aquele garoto estava vindo em minha direção, com uma bolsa de lado e segurava suas mãos a frente do corpo, com uma cara de que não estava entendendo o que estava acontecendo.

— O que aconteceu, corujinha?

Não disse nada, apenas fiz um gesto que eu não achei que fosse fazer. Ao olhar para seus universos, que refletiam sobre a luz das estrelas, estendi os braços em sua direção, envolvendo seu corpo como se fosse um travesseiro, e ali comecei a chorar como uma criança que perdera algo muito valioso.

Roy retribuía, me abraçando de uma forma tão boa e aconchegante, que eu não queria que aquele momento acabasse.

— Minha mãe está no hospital internada.

— Meu Deus... O que aconteceu, ela está bem?

— Está bem melhor agora. Foi apenas um susto.

— Se acalme corujinha. Está tudo bem. Eu estou aqui com você. Tudo bem. Não vou a lugar algum.

— Eu não deveria estar chorando. Ela está bem. Por que eu estou chorando?

— Foi um grande choque para você, corujinha. Se acalme. Venha, vamos entrar...

— Não, eu não quero entrar. Quero ficar aqui.

— Está frio aqui.

— Mas quero ficar aqui. Por favor, fica aqui comigo.

Roy, junto a mim, nos sentamos na escada.

Eu estava com a minha cabeça deitada sobre seu ombro, enquanto ele envolvia seus braços sobre mim, tentando me aquecer e me acalmar naquele momento.

E eu ainda não conseguia parar de chorar.

Por mais que minha mãe estivesse bem, algo dentro de mim não estava certo sobre isso. Algo estava me corroendo, me fazendo sentir dor. Não sabia o que estava acontecendo. Não sabia.

Mas Roy estava ali. E as estrelas. E nós dois.

Eu só precisava de um pouco daquilo. Só um pouco.

Precisava de Roy.

Vinte e Cinco

— Morre lentamente quem não viaja,
quem não lê, que não ouve música,
que não encontra graça em si mesmo.

Como pude deixar essa ideia de lado? Estava tão fora de mim, que não percebi que tudo pode acontecer? Por que eu me sentia culpado, como se tivesse feito algo de errado? Como se fosse minha culpa o incidente de minha mãe na cozinha.

Eu não estava conseguindo prestar atenção nas aulas naquela manhã. Nada conseguia entrar em minha cabeça. Nenhum cálculo. Nenhuma citação de Shakespeare. Absolutamente nada. Apenas estava contando os segundos para que as aulas acabassem para que eu seguisse direto para o hospital. Torcia para que minha mãe estivesse reagindo bem aos remédios. Logo, logo estaríamos em casa.

Assim que o sinal soou, dizendo que o final das aulas havia chegado, não olhei para mais ninguém, nem mesmo dando atenção para quem quisesse falar comigo. Apenas segui para o lado de fora, pegando o caminho para o hospital.

Elisabeth precisava me perdoar por não ter lhe dado tchau. Mas acho que ela entendia como eu estava e o meu estado no momento.

Ontem à noite, Roy foi mais que um companheiro. Foi um verdadeiro amigo para mim. Passou a noite toda comigo em casa. E quando foi de manhã, disse que não iria para escola, porém iria vir de tarde caso minha mãe voltasse para a casa.

Não dizendo que Elisabeth não faria aquilo, muito pelo contrário. Mas tinha uma gratidão imensa pelo que ele havia feito por mim.

Correndo pelas ruas da cidade, atravessando o farol novamente, pude ver ao longe, papai controlando a cadeira de rodas que mamãe estava sentada, em frente ao hospital, seguindo para o hall.

Por mais que estivesse um pouco pálida, com certeza estava feliz em ver que ela estava agindo bem aos medicamentos.

Saí em disparada em sua direção.

A primeira coisa que fiz, foi lhe abraçar tão forte, quase não querendo mais lhe soltar. E lhe dando muitos beijos, disse:

— Que bom que a senhora está bem.

— Filho, fique com a mamãe aqui, enquanto vou pegar o carro, está bem?

— Ok papai.

— Foi apenas um susto, querido. Estou bem melhor agora. Daqui a um dia, já estarei novinha em folha.

— Creio que muito antes disso. Você é de ferro, mas tem um coração de sabiá.

Ela pegou minha mão e deu um leve beijo, acariciando-a.

Não demorou muito para que papai já chegasse com o carro.

E logo, logo, já estávamos voltando para a casa.

Cuidaria dela, assim como ela fazia quando eu estava completamente doente. Por mais que não soubesse cozinhar algo bom, tinha a internet para me ajudar com isso.

Papai colocou-a na cama, ajeitando o lençol em cima de seu corpo e afofando o travesseiro para que ficasse numa posição boa e confortável.

O celular do papai começou a tocar, porém ele brigava com alguém do outro lado da linha, dizendo

que não iria voltar para a empresa naquele momento, pois tinham mais coisas para se fazer, porém foi a minha deixa de devolver o que ele havia me dito no dia seguinte.

— Vá papai, eu cuido da mamãe. Creio que ela não iria querer que você perdesse o seu trabalho por causa dela. Pode deixar que eu me viro com ela.

Mamãe apenas concordou com a cabeça, dando uma piscadela para o papai.

Ele concordou, dando-lhe um beijo em sua testa e seguindo para o andar de baixo.

— Está com fome, mamãe?

— Estou com vontade de tomar caldo verde. Sabe fazer?

— Claro que sei. — *Como se fazia isso?*

— Ótimo. Acho que lá embaixo tem todos os ingredientes de que precisa. Batatas, couve, linguiça, bacon e temperos variados. Iria adorar comer seu prato.

— Pode deixar. Irei lhe fazer.

Segui para o andar de baixo, fechando a porta logo atrás.

Naquele instante, escutei o bater da porta.

Ao abri-la, lá estava Roy, com um lindo buquê de rosas vermelhas nas mãos. Seu sorriso me contagiou de uma tal forma, que não pude evitar de sorrir também para ele.

— Oi Corujinha!

Vinte e Seis

— Cada cicatriz que temos é a confirmação de que uma ferida sara. Cicatrizes são marcas de superação que só um verdadeiro guerreiro possui.

Mamãe havia adorado as rosas vermelhas que Roy havia lhe trazido.

— Muito obrigada pelo carinho, Roy.

— Não foi nada, sra. Scott.

Mamãe havia me dado o buquê para que eu colocasse as rosas em um jarro com água, pois iria coloca-las depois em seu jardim. Mais flores para coleção em seus lindo éden florido.

Roy e eu seguimos para o andar de baixo, indo em direção a cozinha. Iria preparar a sopa de mamãe, enquanto ela descansava um pouco até tudo ficar pronto.

— Você sabe fazer caldo verde? — Perguntei a Roy, com um semblante de uma pessoa desesperada.

— Caldo verde? Sei sim.

— Então me ensine. Mamãe só me passou os ingredientes, mas não faço a mínima ideia por onde começar.

Roy, passo a passo, com paciência ia me ensinando como fazer aquela deliciosa sopa portuguesa. Primeiro ele disse que eu deveria descascar as batatas, corta-las ao meio e coloca-las numa panela com água fervente, até que elas estivessem moles a ponto de conseguirmos corta-las com um garfo. Depois reserva-las, tirando-as da panela e colocando-as dentro do liquidificador.

— Você vai querer o caldo mais grosso ou mais liquido?

— Acho que mais grosso.

E com a água que havia sido usada para ferver as batatas, ele juntara com as mesmas que estavam dentro do liquidificador e deixou elas batendo, enquanto eu cortava o bacon em cubinhos pequenos e ele cortava a couve em “rodela”.

— Corujinha, você vai para a festa de Alessa no sábado?

— Eu não sei Roy. Depois que aconteceu isso com a minha mãe, estou com medo.

— Medo de que algo aconteça com ela?

— Medo de deixa-la sozinha.

— Entendo perfeitamente.

Roy terminara de cortar a couve, quando descascara uma linguiça calabresa e começara a corta-la em rodela e depois em cubinhos.

— Bem, já está pronto. — Disse, enquanto desligava o liquidificador e tirava o copo de vidro do lugar e despejava o liquido na mesma panela que tínhamos acabado de usar. — Corujinha, tem algum tablete de caldo de carne?

— Tem sim. Abra essa primeira gaveta perto da geladeira e escolha qual for o melhor.

Roy seguiu para a gaveta, trazendo consigo uma pequena caixinha de tabletes de caldo de galinha.

— Bem, vou colocar um tablete ou dois?

— Acho que um tablete está de bom tamanho.

Assim que ele abria o pequeno tablete que mais parecia aquelas balas dadinho, acabou deixando cair sem querer no chão. Porém, algo aconteceu que fez uma eletricidade estranha passar pelo meu corpo. Nossas mãos, por extinto foram diretamente ao chão. A minha chegara primeiro pegando o tablete do

chão e a mão de Roy veio logo em seguida, segurando a minha.

Nos olhamos por um momento. Nossos rostos quase colados, um de frente para o outro. E aquela sensação voltou a tomar conta de mim. Borboletas no estômago. Formigamentos sobrenatural nos dedos. Respiração ofegante. E uma vontade muito grande de beijar aqueles lábios carnudos. Seus universos olhavam para os meus. Estávamos nos aproximando um do outro, quase deixando o mundo real para um mundo onde eu não queria mais sair, quando a porta deu três batidas.

E voltamos à estaca zero.

— E-eu vou atender a porta. — Disse, com as maçãs do meu rosto pegando fogo.

— Claro, v-vai lá.

Ao seguir para a porta, dei de cara com Elisabeth, que segurava uma grande sacola que continha uma grande cesta enfeitada dentro da embalagem, com grandes guloseimas, chocolates e tudo o que fosse de perfeito e maravilhoso.

— E aí Ettore, tudo bem?

— Oi Elisa, entra.

— Tudo bem, Roy? — Disse, gritando para a cozinha.

— Fala aí, Elisabeth! — Roy gritara da cozinha, respondendo.

— Como sabe que Roy está aqui?

— Quando é que Roy não está aqui, Ettore? — Ela disse, dando uma risadinha.

— Mas como sabe que ele está na cozinha?

— Você está com um pano de prato no ombro. Aonde mais ele estaria, se não te ajudando a fazer algo? E deixe de perguntas, garoto. Onde está a sra. Scott?

— Está lá em cima.

— Dormindo?

— Não estou não, Elisa. — Disse mamãe, gritando do andar de cima.

— Se eu fosse você, não fazia tanto esforço assim, mamãe.

— Eu já estou bem melhor, querido. E depois da sopa, vou estar novinha em folha.

— Suba, Sardinhas.

— Agora só falta o Roy ter um apelido.

Elisabeth se seguira para o quarto de minha mãe, enquanto eu voltava para a cozinha.

O caldo verde já estava praticamente pronto, só faltava terminar com uma deliciosa pitada de pimenta do reino e colocar o bacon que Roy fritava em um frigideira no azeite.

— Não faça isso que eu estou fazendo, Corujinha.

— O quê?

— Fritar o bacon. Mas é bem melhor do que cozido, pode ter certeza.

— Pode ter certeza que eu VOU fritar elas.

Roy dera um sorriso. Aquele sorriso como resposta.

Aquele sorriso.

U

— Estava uma delícia. — Disse mamãe, enquanto colocava a tigela vazia em cima da bandeja.

Estávamos todos saciados pelo maravilhoso caldo verde, feito por Roy, em torno de 90%.

— Estava mesmo. — Disse Elisa, passando a colher em algo que já não tinha mais na tigela.

Todos haviam terminado, bem alimentados.

— Bem, agora vamos deixar a senhora descansar. — Disse Roy.

— Magina, claro que não. Já descansei o bastante. Estou muito bem acordada. Agora, me conte... O que há de novo rolando, que eu sei...

— Novo rolando? — Perguntou Elisabeth.

— Sim.

— Acho que nada.

— É claro que há algo novo. Vamos, me contem.

Todos nós nos olhávamos tentando entender o que mamãe tentava falar.

Até que algo veio em minha cabeça.

— A senhora quer dizer da festa no sábado?

— Está vendo, eu sabia que tinha algo por aí.

— Mas eu não sei se eu vou, mãe.

— Por que não, querido?

— Não quero deixa-la sozinha.

— Bobagem, mas é claro que vai. Você nunca sai. Precisa sair em companhia dos seus amigos que creio que vão também, não é?

— Sim. — Roy e Elisabeth responderam ao mesmo tempo.

— Está vendo! Então, me diga Elisa, o que vai usar? — Perguntou minha mãe.

— Bem já que vai ser a fantasia, quero fazer algo diferente...

Enquanto Elisabeth contava como iria se vestir para a festa de Alessa, chamei a atenção de Roy para fora do quarto, onde eu queria conversar algo com ele a sós.

— O que foi corujinha?

— Eu não sei se estou confortável em ir para a festa e deixar minha mãe aqui. Tudo bem que meu pai chega em uma hora, depois que sairmos daqui, isso se eu for... Mas eu não sei... Não estou...

— Corujinha — Roy segurou os meus ombros, olhando nos meus olhos, me interrompendo, continuou —, ela mesma quer que você vá. Pare para pensar... Você não acha que ela vai ficar um pouco chateada se você não for?

— Por que ela ficaria chateada?

— Por pensar que o acontecimento dela esteja te prendendo de você fazer aquilo que você queria estar fazendo.

— Mas não acho que eu queria estar nessa festa...

— Talvez, mas aposto que você queria estar comigo e com Elisabeth, mesmo não estando na festa.

Não disse nada.

— Venha cá. — Disse, me dando um abraço. — Está tudo bem. Vai ficar tudo bem.

Me afastei um pouco para olhar para os seus universos. Brilhavam como milhões de constelações no espaço.

Respiração ofegante. Borboletas. Formigamento... E depois...

— Querido... Roy? Onde estão vocês?

— Estamos indo.

Vinte e Sete

(Roy)

— Foda-se o sistema!

Antes de conhece-la, eu estava pensando seriamente em morar sozinho. Estava pensando em alugar algum quarto, que fosse, só para ficar longe das intrigas dos meus pais. Por mais que eu não desse a mínima, não adiantava nada, pois por fora eu estava calmo e sereno, como se não ligasse, mas por dentro eu estava prestes a gritar com os dois e manda-los para um lugar sem luz. Porém, ao contrário deles eu tinha um pouco de juízo. Bem, ou quase. Mas eu sabia que ninguém iria alugar um quarto no final da esquina para um garoto de dezesseis anos. Apenas sonhava com isso. Mas assim que eu estivesse prestes a fazer dezoito anos, eu iria embora, sem falar para eles aonde eu iria. Nada de bilhetes. Nada de mensagens na caixa postal. Nada de Roy Andrew. Seria apenas eu e minha nova vida longe de encrencas familiares. E quem sabe, formaria minha própria família, conhecendo uma garota legal ou um garoto, quem sabe?

Mas foi naquele dia que tudo mudou. Quando meu pensamento em fugir e deixar meus pais para morar sozinho mudou.

Eu estava na maldita escola, no sétimo círculo do inferno; pois eu acreditava que aquele lugar era o inferno de Dante; quando aquele anjo apareceu. Seu armário era do lado do meu, tecnicamente colado, sem ser dois armários para esquerda ou para a direita. Não, ele era ali. Eu havia deixado cair meu livro de História da Segunda Guerra, por causa do panaca do Steven ter jogado a merda de uma bola de tênis na minha cara. Mas assim que eu fui me abaixar para pegar o livro, havia pés com coturnos pretos no lugar onde deveria estar o livro. E foi como uma cena de filme. Fui levantando o olhar, até ver a garota que estava segurando o tal livro que eu havia deixado cair.

Ela deu um lindo sorriso para mim, entregando-o, enquanto dizia seu nome. Genevieve Snow.

— Prazer, me chamo Roy Andrew. — Estendi a mão para cumprimenta-la e ela respondeu, apertando-a fortemente.

E foi naquele instante que nos tornamos melhores amigos. As pessoas até achavam que eu estava namorando Genevieve, pois éramos muito próximos. Steven ficara até embasbacado, pois ele pensava: como ele, um garoto nada descolado, nerd, sem um pingo de aventura nas veias poderia ter *pego* a garota mais gata do colégio.

Mas não a namorava, porém, com o passar do tempo algo havia se tornado mais que amizade.

Lembro-me como se fosse ontem, quando ela me levava para a sua “segunda casa” fora do inferno, que era a primeira.

Ao sairmos do ônibus numa tarde de sexta-feira ao pôr do sol, chegamos a um lugar que eu nunca poderia imaginar que ali seria a sua segunda casa. Depois de atravessarmos a rua para o outro lado da calçada, pegando uma viela, que de relance parecia ser sem saída, chegamos a um lugar que cruzava junto a linha do trem de carga.

Era o cemitério-de-coisas-largadas da cidade. Ali havia tudo o que não servia mais para as pessoas. Tudo estava abandonado, desde carros velhos a brinquedos quebrados e fantoches do clube de teatro infantil.

Ali, antes, era o lixão da cidade, onde acontecia as coletas e as reciclagens, porém com a mudança de prefeito, acabou por mudar a localidade do lixão, colocando-o em um lugar onde não houvesse tanto incomodo por causa do mal cheiro.

E agora, ali servia como depósito para cidade inteira colocar coisas que não usassem mais. Não tinha odor e nem nada do gênero, mas a energia que aquele lugar transmitia era de pura paz e mais alguma coisa que até hoje nunca soube distinguir. De vez enquanto o trem passava, cortando a cortina do silêncio que ali havia.

Bem no meio de todas aquelas tralhas, tinha uma casinha, onde provavelmente era o local de segurança e registros do lixão. Não sei ao certo. Agora, apenas continha um grande tapete velho que forrava o chão, um colchão de molas solto, garrafas vazias de cerveja, um cinzeiro com... Bem, aquilo parecia erva, e um MP3 que parecia ser de Genevieve.

— Bem, aqui é a minha segunda casa, depois do inferno que é a primeira. Quando as coisas começam a esquentar e eu não consigo me refugiar no meu quarto, eu pulo a janela e venho para cá, onde eu posso ser eu mesma e não ser atormentada por ninguém.

— Aqui é um lugar bom para espalhar.

— Lugar bom? Cara, você não viu nada. Eu tenho tudo o que eu preciso aqui. Música, bebida, cigarro e um colchão para colocar minhas ideias em ordem. Isso basta para mim.

— Mesmo?

— Bem, tirando uma coisa.

— E o que é?

— Você.

— Eu?

— Sim. Você. Eu só precisava de uma companhia para passar a tarde. Às vezes é bom ficar sozinha, mas se sentir sozinha é algo que acaba comigo.

Genevieve apenas me puxou para o colchão e sentou logo ao meu lado, colocando sua cabeça no meu ombro, enquanto respirava profundamente três vezes sem cessar.

— O que dirá as estrelas, Roy?

— Como?

— O que dirá as estrelas?

— Como assim, Genevieve?

— Eu costumo pensar assim: As estrelas são tão velhas e sábias. Estão aqui desde o começo. E estarão aqui até quando o fim chegar. Tenho a impressão de que elas tentam se comunicar com a gente, tentando dizer o que é certo a se fazer. E eis a pergunta: O que dirá as estrelas?

— Eu acho que você tá fumando maconha demais.

Genevieve se levantou e deu um murro leve no meu braço, rindo pelo meu comentário.

Seguiu para o seu MP3 e colocou uma música. Bem, não era uma música. Era A Música.

Sparklehorse – Piano Fire.

— Caralho velho, não acredito que você tem essa música...

— Então vamos botar essa bunda *pra* requebrar.

E no mesmo instante, ela me puxou para cima e não demorou muito para que começássemos a dançar e a pular junto ao barulho da guitarra. Genevieve, enquanto dançava, seguiu para o cinzeiro que havia o cigarro de maconha, — enquanto dançava — pegara o cigarro e tirando um isqueiro do bolso o acendera, e começou a dar umas tragadas e ainda pular que nem uma louca, não importando quem aparecesse.

Ela passou o cigarro para mim, mas eu neguei com um aceno, porém ela disse “Só um tragada, men”. E assim eu dei.

Mas no mesmo instante não deu tempo de respirar, pois comecei a tossir que nem um louco.

Genevieve começou a rir.

Ela se deitou novamente no colchão, me puxando para baixo também, enquanto a música tocava.

— Na primeira vez, na maioria das vezes, sempre é assim.

— Cara, por mais que eu tenha visto isso, não sabia que você fumava isso. Pensei que você só bebesse.

— Bebo. Mas fumo apenas maconha. Não o fumo toda hora, men, apenas quando preciso urgentemente, como agora.

— Para sair de algo?

— Não, para entrar em algo. No meu mundo.

Agora a música havia acabado. Em uma melodia calma, tocava Daughter – The Right Way Around.

— Amo essa banda.

— Então somos dois, men. — Disse, fazendo um aceno para eu fazer um toque, que costumávamos fazer, batendo a mão uma na outra, depois fechando-a para terminar num soco e fazer o aceno de um “verdadeiro” roqueiro. Só que não.

— Fico pensando o que as estrelas têm para dizer a respeito da merda da minha vida e o que eu acabei de fazer com ela.

— Como assim?

— Cara, olha para mim.. Não trabalho, vou mal na maioria das matérias, tenho brigas com os meus pais e pego erva sempre que posso, quando estou com dinheiro. Eu tô fodida.

— Acho que elas diriam que nunca é tarde para recomeçar novamente.

— E como você sabe?

— Eu não sei, apenas sei.

Ela riu, colocando sua cabeça no meu colo dessa vez. E numa tragada, colocou o cigarro de novo no cinzeiro.

— Obrigada Roy.

— Pelo o quê?

— Por estar comigo. Por ser meu amigo. Talvez eu estaria perdida se eu não tivesse te conhecido.

Não falei nada, apenas comecei a cariciar seu cabelo sedoso, enquanto tocava a música sem medo de viver.

Genevieve num impulso se levantou e disse:

— Lembrei... Tenho duas garrafas de cerveja guardadas aqui. Quer tomar uma?

Não tinha costume de beber, mas depois de ter tragado a erva, minha garganta havia ficado seca.

— Tome. — Disse, me dando uma garrafa média.

— Valeu, girl.

Abrimos as tampas que fez um *tchis* bem confortável para os ouvidos e num tilintar de nossas garrafas, brindando uma na outra; bebemos sem medo de sermos quem nós éramos.

E ficamos até as estrelas aparecerem sobre o céu azulado a noite.

Juntos.

Vinte e Oito

Sábado: 23/03 — 17:10

— Relaxe... Tem coisas que levam tempo e tem outras que o tempo leva.

Com uma capa marrom sobre os ombros, um chapéu pontudo na cabeça e uma varinha em mãos, eu estava pronto para a festa que havia, enfim, chegado. Mas não estava feliz com isso, na verdade.

Estava feliz porque mamãe, nesse tempo, se recuperara de uma tal forma, que me fez abrir os olhos e enxergar o quão forte ela era. O quão guerreira era.

— Querido, você está pronto? Roy e Elisa estão aqui embaixo.

— Já vou descer.

Antes mesmo de chegar ao andar de baixo, já pude ver Roy com a cara toda pálida, junto a uma capa negra sobre os ombros, olhos fundos por causa da maquiagem e uma dentadura horrível na boca, com uma mancha vermelha bem perto dos lábios. Elisabeth estava vestida de pirata. E não uma qualquer e sim a capitã do navio, que quem sabe, iríamos embarcar àquela noite. Com um tapa-olho, dente de ouro falso e um papagaio no ombro, estava exótica. E é claro, que seus cabelos cor de fogo não poderiam ficar de fora, pois estavam tão desgrenhados, que parecia que ela não havia nem peteado eles, só para fazer parte da fantasia que iria usar.

— E aí, Harry Potter! — Disse Elisa, caçoando da minha fantasia, porém achando que havia caído muito bem em mim.

— Olha só quem fala. Você tem uma espada e eu uma varinha. Quem é que vai ganhar o duelo?

— Não me subestime, mocinho. Posso ser uma pirata, mas ainda sou a Elisabeth.

Nós quatro rimos com o comentário.

Mamãe estava tão disposta, que estava preparando algo muito cheiroso e que enxia nossas bocas de água.

— Não é por nada não, sra. Scott, mas o que é que está preparando? — Perguntou Elisa.

— Strogonoff com champignons.

— Podemos esperar? — Disse Elisa, com os olhos esperançosos.

— Mas é claro que não. Vamos. Até chegarmos a casa de Alessa, vai demorar um pouquinho.

— Fique tranquila, Elisa, vou guardar um pouco para você quando voltar.

— Vou roubar sua mãe para mim, Ettore.

Roy, que até agora só ria com o momento, fez uma pergunta mais séria, que levou o silêncio de todos.

— E como a senhora está, sra. Scott?

— Estou muito bem, querido. Obrigada por perguntar. — Disse ela, me dando uma cópia da chave da porta, que estava na mesinha de centro da sala.

— Desde quando...? — Perguntei, olhando para mamãe, pasmo com o gesto.

Normalmente ela diria para eu estar antes da meia-noite em casa. Aquela chave significava que eu não precisava voltar tão cedo.

— Desde quando o quê? — Disse ela, dando uma piscadela para Roy, que também não havia entendido nada. — Bem, acho melhor vocês irem ou se não irão perder a metade da festa, por mais que não irá acabar tão cedo.

Seguimos para fora, pegando o caminho para ir até a casa da Alessa, que ficava a uns dez quarteirões dali, ou seja, precisávamos ir ou nunca iríamos chegar há tempo.

U

— Percebeu que desde que sua mãe conheceu Roy, ela tem deixado você fazer coisas que ela nunca pensaria em deixar você fazer, como por exemplo isso?! — Elisabeth tinha razão. Mamãe havia mudado, desde quando Roy e ela haviam se conhecido.

E hoje, foi a confirmação de todas as teorias que eu tenho tido com o passar do tempo.

Estávamos andando na rua, enquanto as estrelas logo começavam a aparecer acima de nossas cabeças. Estava começando a ficar um pouco frio, mas sabíamos que não iria adiantar nada, pois iríamos ficar num lugar onde milhares de pessoas iriam estar, então isso ajudaria a ter um pouco de calor. Mesmo que fosse um calor humano. E um cheiro ruim de perfume e suor... E bebida alcóolica... Deixa para lá.

— Você entendeu a piscadela que ela lhe dera, Roy? — Perguntou Elisa.

— Na verdade, não. — Disse ele, enquanto atravessávamos para o outro lado da calçada.

— Qual era o ponto de referência mesmo, Elisabeth?

— Me deixe ver aqui... — Elisabeth tirava de dentro do bolso de sua fantasia, o convite que estava um pouco amassado e dobrado ao mesmo tempo. — É ao lado da mercearia Mir.

— Mas como é que vamos encontrar a casa dela? — Perguntei.

— Você tem cada pergunta, Ettore. — Disse Elisabeth, colocando a mão na testa e fazendo gesto de um não com a cabeça. — É bem simples... Se diz que é ao lado da mercearia Mir, vamos ver logo uma casa com música alta e provavelmente um ou dois casais se beijando na frente da casa.

Roy ainda continuava quieto, como se algo lhe incomodasse. Aquilo estava estranho.

— Aconteceu alguma coisa, Roy? — Perguntou Elisabeth.

— Eh... Nada. Nada demais. — Disse, esfregando seu pescoço como se estivesse com torcicolo.

— Tem certeza? — Perguntei.

— Tenho, tenho sim. — Para que mudássemos de assunto, Roy logo apontou para uma mercearia que havia logo a frente. E na frente do comercio, havia uma grande casa, onde tocava uma alta música e que já podíamos ver algumas pessoas dançando ao toque da batida, enquanto bebiam em seus copos de plásticas azuis. — Acho que é aquela casa ali.

Seguimos direto para a porta.

É claro que o som estava muito alto para alguém escutar a campainha ou até mesmo as batidas da porta, então fomos logo entrando, dando de cara com um corredor longo onde muitas pessoas formavam grupos pequenos e conversavam entre si com dificuldade por causa do som alto.

Em seguida, fomos surpreendidos por Alessa, que descia as escadas animada, gritando um “Que bom que vocês três vieram”, enquanto vinha em nossa direção. Sua fantasia era de fada. Princesa fada, na verdade. Seus cabelos castanhos estavam amarrados num coque e presos por uma linda coroa de pérolas e diamantes. Seu vestido tomara-que-caia era rosa Pink; e dando um volume para a saia, havia um saiote por baixo, deixando seu vestido rodado. Ela segurava uma varinha de condão, com uma estrela na ponta. Uma fita de cetim estava amarrada sobre a varinha, fazendo de conta ser a magia que saia do pequeno objeto. E logo atrás, havia lindas asas médias com glitter.

— Fiquem à vontade. — Disse, enquanto cumprimentava Elisabeth, dando um beijo em seu rosto.

— Temos bebidas e comidas na sala de jantar, postos na mesa. — Minha vez. — Podem ir para a pista de dança na sala de estar. — Vez de Roy. — E qualquer coisa é só me chamarem, está bem? Fiquem à vontade.

E logo em seguida, saiu, indo cumprimentar outras quatro pessoas que haviam acabado de chegar.

— Não sei vocês, mas estou indo para a sala de jantar. — Disse Elisabeth, saindo em direção ao corredor que ia para a sala de jantar, onde pessoas entravam sem nada e saíam com copos cheios de bebidas e comidas em mãos.

Eu havia resolvido ir junto com Elisa, quando eu percebi que Roy não estava fazendo o mesmo. Ainda estava parado, olhando para aquelas pessoas a sua volta, como se fosse a primeira vez que estivesse vendo elas. Por mais que fosse a primeira vez, nunca tinha visto Roy ficar daquele jeito.

— Roy, você vem?

— Eu vou daqui a pouco. Preciso fazer uma coisa primeiro, está bem Ettore?

Aquilo foi completamente estranho.

Como assim ele me chamara pelo nome?

Não que isso fosse anormal, pois esse era o meu nome. Mas desde que nos conhecemos, ele sempre me chamou de corujinha.

Antes mesmo que eu perguntasse se ele precisava de ajuda ou algo assim, Roy já subia as escadas, ofegante, tentando encontrar algum lugar para ir.

Ou se refugiar.

Vinte e Nove (Roy)

— Quando você chora, três coisas são limpas:
os olhos, o coração e a alma.

Estar com Genevieve, era o resultado de algo que eu sempre venho procurando para a minha vida inteira — Paz, amor, harmonia comigo mesmo e O Chegar As Estrelas.

Depois do beijo, eu soube que a amava de uma tal forma, que eu não conseguia explicar. O meu desejo por ela, era mais do que a minha vontade por beber água. Genevieve era o antídoto para minhas feridas. Era o meu elixir para a sobrevivência. Era o néctar dos deuses que me fortalecia e me deixava ter a vontade de querer viver mais e mais.

Todas essas coisas eram verdade.

Porém, apenas uma coisa era contra. Uma peça não fazia parte daquele quebra-cabeça que formávamos. E essa peça, era a que eu mais precisava para ter a certeza de que ela também me amava. De que também me queria por perto. De querer uma vida comigo.

Mas não foi isso que eu encontrei naquele dia.

Naquele dia eu não a reconheci. E soube perfeitamente que ela não poderia me dar o que eu tanto queria de sua parte.

Tudo o que ela me fez, me mostrou ou me deu, me fez criar uma ilusão que eu achava ser real. Que eu achava ser algo que eu procurava a minha vida inteira.

Seu esconderijo, vulgo a segunda casa depois do inferno.

Seu diário. Suas músicas. Suas idas a lugares que eu nunca achei que teria na cidade.

As festas que gostava de frequentar junto comigo. E até mesmo o primeiro beijo dado no dia do Central Park, onde eu pude ter a certeza de que nos amávamos. E que a pessoa que eu procurava para ter uma família; eu tinha encontrado.

Mas não era bem assim.

Numa tarde, Genevieve e eu tínhamos marcado de nos encontrar no depósito, para ficarmos de bobeira, fumando e bebendo, enquanto escutávamos músicas. Eu tinha até levado algumas *besteiras* para beliscarmos, enquanto jogávamos conversa fora. Mas assim que fui chegando perto da pequena casa, que Genevieve tinha orgulho de chamar de sua, depois da primeira que era o inferno total, comecei a escutar gritos e palavras de baixo calão. Havia duas vozes naquele lugar. E uma delas era de Genevieve. A outra era uma voz máscula e grossa a qual ofendia brandamente Genevieve.

— Eu não quero saber. Eu te dei um prazo. Agora eu quero receber o que eu tenho direito.

— Cara, você não entende... Meus pais não sabem disso. Não tenho mais coragem de pedir dinheiro para eles.

— Isso não é problema meu. Não me importa o que acontece entre você e seus pais. O que me interessa agora, é o dinheiro da droga.

— Eu juro que se me der mais um tempinho, eu vou arrumar. Eu prometo. — Genevieve estava aflita. Sua voz falhava em algumas palavras e tudo indicava que iria começar a chorar.

— Você é que não entende, garota. Eu não sou o dono dessa merda. E o dono tá furioso com você,

porque passou do prazo do pagamento. Eu quero o dinheiro agora.

— É sério, é sério. Me dá mais uma semana. Mais uma, sem mais e nem menos. Eu vou conseguir o dinheiro e quitar a dívida com ele.

Houve um silêncio de alguns instantes. Logo depois pude escutar o teclar de um celular, discando um número e em seguida a homem começar a conversar.

— Tá, vou falar para ela. — Disse o homem, desligando o telefone logo em seguida. — Olha, ele disse que ele quer um bom motivo para te dar mais uma semana.

— Cara, pensa direito, men... Eu nunca deixei de pagar uma erva minha. Sempre fui direita com as minhas contas. Quebra essa, vai...

Ele deve ter pensando um pouco, pois não escutei mais nada.

— Tudo bem. Vou falar com ele. Se ele te der mais uma semana para você arrumar a porra do dinheiro eu te ligo as 18h em ponto. Caso o contrário, fique atenta de que eu vou caçar você para conseguir o dinheiro amanhã, deu para entender?

— Beleza, beleza. Tá fechado.

Logo me escondi atrás de um galão de água velho, esperando o homem que era careca, musculoso e que havia muitas tatuagens pelo corpo se afastar cada vez mais para longe.

E por um instante, escutei uma garrafa se quebrar.

— Merda de vida!

Genevieve estava chorando, atordoada, enquanto segurava sua cabeça e se xingava.

Se assustara logo quando me viu passar pela porta.

— Há quanto tempo está aí escutando, men? — Disse ela, com o olhar atônito.

— Tempo o suficiente. — Disse, largando as coisas no chão e indo em sua direção, querendo dar meu ombro para que ela pudesse se refugiar, porém seu gesto foi bem mais espantoso. Foi um ponto de interrogação na minha cabeça. — Por que não me falou que estava devendo?

— Eu não quero depender de ninguém, Roy. Ninguém.

— Mas eu poderia ter ajudado. Ter arrumado algum dinheiro para pagar. Quanto é que está devendo pelas drogas?

— 200 pratas.

— 200 pratas? Há quanto tempo está sem pagar?

— Desde aquele dia quando você veio aqui pela primeira vez.

— Genevieve, por que não me disse nada?

— Eu já te disse. Não quero ficar dependendo de ninguém. Já basta eu ser uma aberração para os meus pais, não quero mais ser uma aberração para ninguém.

— Girl, você não é uma aberração para mim. Eu amo você. Eu faria tudo para ter você por perto. E isso é apenas um problema que eu consigo resolver.

— Como? Somos dois adolescentes tão fodidos...

— Isso é verdade, mas eu tenho um dinheiro guardado na conta. Na poupança. Acho que dá para você quitar sua dívida amanhã mesmo com o cara que você está devendo.

Pude ver um olhar de esperança começar a fluir de Genevieve, porém no mesmo instante, tudo voltou a ser como era. E ela começou a chorar novamente.

— Eu não posso aceitar o seu dinheiro.

— Claro que pode. Como também deve aceitar.

— Não, eu não posso.

— E por que não?

— Você, provavelmente, guardou esse dinheiro para uma coisa bem mais útil. Eu não vou estragar

seu desejo ou sonho, seja lá o que for...

— Genevieve... Meu sonho é você. Meu desejo é você. Poderia muito bem viver com nenhum tostão no bolso, tendo você do meu lado. Você é a melhor pessoa que eu já conheci.

Pensei que sua reação fosse ser a mesma. Me dar um sorriso, vir para os meus braços, me dar um beijo e ficar comigo deitado, como sempre fazíamos. Porém, foi algo completamente diferente.

Ela começou a chorar novamente, só que dessa vez, soluçava.

— O que foi, meu amor?

— Não me chame assim, Roy. Não faça isso.

— O quê? Mas por que?

Ela tomou fôlego, limpando os olhos borrados de rímel na manga de seu moletom e logo se virou para mim, dizendo algo que eu não queria ter escutado. Algo que eu não queria ter passado. Algo que fez meu coração parar por um segundo e voltar a bater novamente.

— Por que eu não amo você da mesma maneira que você me ama.

Aquilo foi um baque grande o suficiente para um nó aparecer na minha garganta e para meus olhos começarem a se encher de lágrimas prontas e apostas para saírem.

— Eu pensei que tivesse o mesmo sentimento. E não me arrependo de ter te beijado no Central Park, porém me arrependendo de ter descoberto isso agora. Depois de tudo o que nós dois passamos.

Calado eu estava, calado eu fiquei, pois sabia que se comesse a falar, iria chorar e eu não queria que isso acontecesse.

— Me desculpa por isso. De verdade. Por favor, me perdoe. — Disse, vindo na minha direção.

E eu não tive outra reação a não ser dar um passo para trás.

Sem abraço.

Sem beijo.

Sem coração.

Sem alma.

Só precisava sair dali. Precisava.

Dei meia volta, sem ao menos dizer uma palavra, pegando minha mochila e colocando-a nas costas, deixando para trás as sacolas que eu havia trazido com os salgadinhos e os doces para nós dois.

E segui sem dizer uma palavra que fosse.

E a última coisa que eu escutei de Genevieve, foi:

— Para onde você vai? Volta aqui, Roy!

Apenas. Nada mais.

U

Eu havia parado numa das lanchonetes da cidade. Tinha pedido um café bem forte para tomar, enquanto eu pensava se eles vendiam alguma comida para curar corações partidos. Mas é claro que não vendiam.

Por quê? Por quê?

Todos os planos, projetos e o desejo que eu tinha feito para Genevieve e eu, haviam sido jogados na lixeira. Tudo acabara. Nada sobrara para contar história.

— Seu café, senhor.

— Obrigado.

Estava pensando em colocar açúcar quando me dei conta de que não adiantaria nada. O café ficaria doce. Minha vida não.

Bebi em grandes goles rapidamente, como se estivesse bebendo uma dose de vodca pura. O amargo

do café quente desceu rasgando minha garganta, sem me importar com a minha boca queimada e as dores que logo viriam do meu estômago, por ter tomado muito depressa o café quente.

Segui para o caixa para pagar a conta. 50 centavos.

Logo a frente da lanchonete, havia um banco 24h.

Meu coração, que ainda estava sofrendo, disse que eu deveria sacar as 200 pratas para dar a Genevieve. Meu cérebro dizia ao contrário. Porém, fui trouxe mais uma vez.

Segui para o outro lado da rua, entrando no pequeno cubículo que era o caixa e logo tirei da minha carteira o meu cartão poupança, sacando as 200 pratas.

U

E lá estava eu novamente.

Genevieve ao me olhar de longe, veio correndo em minha direção e num gesto, me agarrou, me dando um abraço tão apertado, que parecia que poderia quebrar todos os ossos do meu corpo.

— Você voltou... Por favor, me perdoe. Me perdoe. Não quero perder você.

— E não vai me perder.

— Como é?

— Não vai me perder.

Ao tirar a carteira de meu bolso, saquei as 200 pratas que Genevieve precisava para pagar a droga que estava devendo.

— Tome. Pegue. — Disse, lhe entregando o dinheiro.

— Eu não posso aceitar... Não depois do que...

— Você vai aceitar, porque eu não saquei esse dinheiro por bobeira... Vamos. Pegue.

Genevieve pegara o dinheiro, meio hesitante.

— Eu nem sei como agradecer a você, Roy. Assim que eu tiver o dinheiro, eu te pago. Eu prometo.

— Não, não precisa. Eu não quero o dinheiro de volta. Não estou te emprestando a grana. Estou te dando.

— Mas...

— Sim... Estou te dando.

— Obrigada!

Disse, me dando mais um abraço novamente. Mas me largou, assim que percebera que eu não retribuía.

Dei meia volta, querendo sair daquele lugar, mas fui impedido pela mão de Genevieve.

— Aonde você vai?

— Para casa.

— Mas eu pensei que você tinha me perdoado. Pensei que ainda fôssemos amigos.

— E somos... Mas não mais daquela forma que éramos antes.

E logo soltara, deixando-me ir.

E foi nesse momento que eu soube que, por mais que Genevieve e eu fôssemos amigos, eu ainda sentia um amor imenso por ela. Meu coração ainda torcia para ela me parar e me dizer que estava brincando e que ainda me amava. Mas isso não aconteceu.

E não iria acontecer.

Nunca mais.

Trinta

— Se minhas loucuras tivessem explicações,
não seriam loucuras.

Ao som de Got Well Soon de Breton, as pessoas dançavam sem se preocuparem com o que estava acontecendo lá fora. No mundo.

Elisabeth já estava no terceiro copo de vinho, enquanto comia uma bandeja inteira de torradas com patê de presunto que estavam em suas mãos.

E desde que Roy subira para o andar de cima, não havia mais descido.

— Será que Roy está bem? Até agora não voltara lá de cima.

— Eu não sei. Deve estar sim. Provavelmente ele deve ter encontrado alguém lá em cima e começaram a conversar. — Disse Elisabeth, enquanto terminava de comer a última torrada da bandeja.

— Eu vou ver o que aconteceu com ele.

— Ok, vai lá então... — Elisabeth voltara para a sala de jantar. A maioria das comidas quem estava se alimentando era Elisabeth, pois de vez ou outra uma ou duas pessoas passavam ali para pegar algo.

Ao subir as escadas, havia um corredor bem grande e silencioso. De relance, parecia que ninguém estava ali em cima, porém acabei escutando algo que vinha um dos quartos. Ou melhor, do banheiro.

Apesar de o som estar alto, dava para se escutar os soluções de alguém chorando.

— Roy? É você? Tá tudo bem?

Mas não houve resposta. Mas ainda o choro continuava.

Ao girar a maçaneta, vi que a porta não estava trancada e ao abri-la, encontrei um Roy aos prantos sentado perto da banheira, enquanto sua cabeça estava apoiada sobre a batente.

— Roy, o que foi? — Disse tocando seu ombro.

A maquiagem branca de seu rosto estava desaparecendo por causa das lágrimas que caíam. Roy soluçava como uma criança que acabara de ser repreendido por algo que fizera.

— O que foi que aconteceu, Roy?

— Apenas fica aqui comigo, por favor. — Disse, aos prantos, me puxando para o seu lado.

Logo pousou sua cabeça em meu colo e chorou mais ainda.

Em todo o tempo que passara com Roy, nunca o tinha visto assim.

Comecei a cariciar seus cabelos, enquanto massageava seu braço com o polegar.

— Eu sou um imbecil, corujinha.

— Não, não é.

— Sim, eu sou.

— Por que acha que é um imbecil?

— Por que eu não fui corajoso o suficiente de dizer a verdade.

— Do que está falando, Roy?

Roy se levantara, enxugara as lágrimas que ainda teimavam em cair e disse:

— Lembra de quando eu falei de Genevieve e que por mais que não namorássemos, ainda éramos grandes amigos?

— Sim, eu lembro.

— Pois é... Eu menti a respeito disso.

Por um momento, só me veio a cabeça que ele ainda a amava e que queria voltar com ela. Mas logo

se explicou.

— Não menti pelo fato de não sentir mais nada por ela. O que eu menti, foi que não terminamos porque éramos amigos demais para ter um relacionamento sério.

— Então foi pelo quê?

— Porque ela não sentia o mesmo por mim.

Roy voltou a deitar sua cabeça em meu colo.

— E isso ainda te machuca?

— Isso não. Outra coisa.

— E o que é?

— É que Genevieve e eu não somos mais grandes amigos. Desde quando eu me mudei para cá, não tenho falado com mais ninguém, principalmente com ela.

— E ela sabe que você está aqui?

— Com certeza sabe. Deve saber todos os lugares para onde eu vou.

— E por que... — Antes que eu pudesse perguntar o motivo dela saber para todos os lugares onde ele vai, Roy me cortou dizendo:

— Sabe a metáfora que eu uso com o cigarro?

— Sei, sei sim.

— Pois é... Eu também fumava antes de vir para cá. E só comecei a usar essa metáfora para me ajudar a não querer fumar de novo.

— Como isso te ajuda?

— Da mesma forma. Me dá ideias, ao invés de câncer.

Não sei se aquele momento seria o apropriado, mas se ele mentiu, tentando esconder a dor, tinha que perguntar aquilo para ter certeza.

— Você mentiu a respeito de estar gostando de uma outra garota?

— A respeito disso não. — Roy se levantou novamente, fixando seus universos no meu. — Porém, a respeito de ser uma garota, sim. Eu menti.

— Então é...

— Sim, é um garoto.

Droga, aquela sensação de novo.

Borboletas no estômago, formigamento nos dedos, garganta seca e o meu coração com batimentos mais rápidos e fortes.

— Mas acho que ele não deve sentir o mesmo por mim.

— Por que acha isso?

— Pois quando eu perguntei se ele estava apaixonado por alguém, ele me disse que não estava. Porém, me deu um pingão de esperança, dizendo um “Mas quem sabe algo aconteça”.

Aquilo me pegou de surpresa. Lembro-me exatamente de dizer aquelas exatas palavras de quando ele havia me perguntado se eu estava apaixonado por alguém. Confirmando antes, eu não deveria ter mentido, porém...

— Roy, eu...

— Sim, corujinha, eu estou apaixonado por você. Talvez não tenha ficado claro sobre essa pessoa. Mas espero que agora seus olhos abram para quem estou falando. Por mais que tenhamos nos conhecido há tão pouco tempo, você acabou despertando algo dentro de mim que desde o meu último relacionamento não achei que fosse capaz de sentir de novo. Ao olhar para você, meu coração bate rápido, como se você mexesse de alguma forma comigo. Como se o meu mundo e o meu universo fosse você. Como se eu precisasse de você para respirar. Não sei se você percebeu, porém você também abriu

meus olhos para muitas coisas. E essa é uma. Abriu meus olhos para um amor que eu nunca tive antes. E eu amo você do fundo do meu coração, como nunca amei ninguém.

Roy dizendo aquelas palavras, me veio um momento de pura nostalgia.

O sonho.

O sonho pelo qual eu havia tido com Roy, que ele me pedia para namorar e num momento eu estava caindo num buraco que se abria debaixo dos meus pés.

As mesmas palavras que ele havia dito no sonho, estava dizendo agora.

— Eu achei que você gostasse de uma garota por ter dito que...

— Eu sei o que eu disse. Mas apenas disse aquilo por medo de que você não fosse aceitar uma pessoa como eu.

— Como assim, como você?

— Apenas assim, como eu.

— Roy, isso não é verdade. Desde o primeiro momento eu aceitei você do jeito que você é. Nunca tentei te mudar por nada e aprendi muito com o que você é.

Pude ver um sorriso fraco se formar em seus lábios.

— Tenho que admitir que também menti para você, Roy.

Ele apenas ficou atento as palavras que saiam da minha boca.

— Eu menti a respeito de não estar apaixonado por alguém. E fiz isso por medo desse gesto.

— Por medo de sentir amor?

— Sim, por sentir amor. Amor por uma pessoa do mesmo sexo.

— E qual é o problema nisso, corujinha?

— Talvez eu não saiba ao certo o que você passou, mas eu fui ensinado a acreditar de que amar uma pessoa do mesmo sexo é pecado, Roy. Que isso era uma ofensa aos olhos de Deus. Mas me dei conta de que é um sentimento bom, a ponto de não ter controle sobre os meus sentimentos. Mas agora eu sei bem que não é assim.

— Mas é claro que não é, corujinha. Não é uma ofensa aos olhos de Deus, pois isso é amor. É amar o próximo e não odiar. E por mais que algo relacionado esteja escrito na bíblia, vai lá saber se alguém, com o passar dos anos tenha feito isso. Se realmente esse Deus que criara o mundo e até mesmo as estrelas, é um deus de amor, porque ele se ofenderia de que algum filho seu amasse alguém do mesmo sexo? Provavelmente ele deve ter algo bem mais importante para fazer do que se preocupar com isso, não acha?

— Sim, acho. Depois de tudo, certas coisas não fizeram mais sentido para mim e adotei a forma que chama de “Felicidade para mim”.

— E o que significa?

— Fazer qualquer coisa que vá me agradar. E uma delas é amar. Amar uma pessoa do mesmo sexo. Amar uma pessoa que se chama Roy Andrew.

Os universos de Roy brilharam no exato momento quando eu me declarei. Quando eu disse que o amava da mesma forma que ele me amava.

Não houve palavras naquele momento, pois ali se estabelecia um amar que se acendia por apenas uma palavra: AMOR.

Nossos universos se olhavam uns para os outros.

Nossas almas conversavam entre si numa língua que só elas entendiam.

E num selo, iria se concretizar algo, que desde o dia do Cantinho das Estrelas, era para se tornar real.

Roy elevava sua mão ao meu rosto, acariciando minha bochecha com o seu polegar, sem tirar os

olhos dos meus olhos. E com um movimento, passara seu polegar sobre os meus lábios que num súbito gesto, nossos lábios se grudaram um no outro.

Com os olhos fechados, apenas senti a sensação no momento, que era beijar a boca de Roy.

Enquanto nossos lábios se conversavam entre si, carícias e mais carícias faziam nossos sentimentos se afluírem ainda mais.

Eu nunca mais iria esquecer aquele momento na minha vida.

Tinha a certeza de que estava apaixonado por Roy. Não queria que ele fosse embora, como também queria passar o resto da minha vida com ele.

Sentir Roy na minha boca era uma sensação de puro êxtase que deixaria grandes lembranças.

— Eu te amo, corujinha!

— Eu te amo, meu amor.

Trinta e Um (Roy)

— A morte é tranquila, fácil.
A vida é mais difícil...

Os dias que se passaram não foram nada fáceis para mim. Olhar para Genevieve da mesma forma, antes de quando éramos namorados, não estava sendo uma tarefa fácil. Olha-la era como ver diante de um espelho as melhores lembranças e memórias. O gosto de seu beijo, o cheiroso perfume que se penetrava em seus cabelos... Tudo aquilo estava sendo demais para mim.

Ela sempre puxava algum assunto, tentando trazer aquela amizade que um dia jogamos fora para construirmos uma vida juntos, porém eu não conseguia me permitir agir normalmente com toda aquela situação.

— Eu quitei a minha dívida, Roy. — Disse ela, com as mãos no bolso, ao meu lado. Eu estava guardando meus livros no armário quando ela chegara sorratamente me dando essa notícia. — Estou livre.

— Ah... Que bom. — Disse, seco, voltando o meu olhar e a minha atenção em deixar o meu armário arrumado.

— Você quer ajuda?

— Não, obrigado. — Disse fechando o meu armário e indo em direção ao bebedouro que ficava do outro lado do corredor.

— Ei... — Disse Genevieve, enquanto andava de costas e me acompanhava, olhando-me nos olhos.

— Você quer sair hoje à noite, sei lá?

— Valeu pelo convite, mas estou ocupado.

— Ocupado com o quê?

— Com os estudos.

— Cara, como assim? Você nem ligava em estudar, só fazia isso por obrigação.

— Comecei a ter gosto depois de ver que preciso me concentrar na minha vida profissional, já que a amorosa não deu certo.

Aquilo foi um baque para Genevieve, assim como também não estava sendo nada agradável para mim. Pude vê-la parada com um olhar de tristeza, parada no corredor, enquanto eu seguia para o segundo andar, para a minha aula de física.

Semanas após semanas, se seguiram assim.

Concordo que eu fui muito escroto com Genevieve, por mais que eu a tinha prometido que ainda seríamos amigos. Mas nada que eu tentasse fazer para amenizar aquela dor dava certo. Nada. Nem sair com outras pessoas estava adiantando. O meu único refúgio era o meu quarto com os meus fones de ouvido e uma boa música para se escutar.

Como sempre, as brigas dos meus pais já haviam se tornada algo normal no meu cotidiano. Levantava as seis para ir à escola. Quando chegava de tarde, saía do inferno daquele lugar para ir para o trabalho. Quando voltava para casa, depois de um longo dia exaustivo, preparava minha comida e logo ia para o banho. Depois deitava a minha cabeça no travesseiro e tentava sonhar com algo bom, porém nunca

dava sorte. Aquela vida que eu tinha, havia voltado, dando um olá sônico, dizendo que nunca mais iria me abandonar. E eu não duvidava disso.

O que fazia a minha vida ser diferente era Genevieve.

Era Genevieve.

Genevieve.

Foi então que eu me dei conta o quão burro eu estava sendo. Estava deixando ir embora a oportunidade de ser feliz, por mais que não fosse com ela. Se ela era a minha felicidade, eu estava deixando essa felicidade ir embora. E sabia que no final das contas iria ser doloroso, porém essa cicatriz iria se curar mais tarde ou mais cedo. Ela tentava voltar a ser legal comigo, como nos velhos tempos e eu estava deixando essa oportunidade de voltar a ter uma vida melhor ir embora.

Foi então que eu prometi a mim mesmo que iria tentar não por ela, mas por mim. E eu sabia que ainda a amizade que nós tínhamos estava vivida em algum lugar, só precisava achá-la de alguma forma.

Porém já era tarde demais para pensar nisso naquele momento.

Numa manhã de domingo, eu sabia onde poderia encontrar Genevieve.

Ela estaria onde sempre estava, fazendo coisas que ela sempre fazia. Estava até já escutando a música na minha cabeça, pois ela sempre deixava num som alto o bastante para não ouvir nada do lado de fora de sua segunda casa depois do inferno que era a primeira.

Mas assim que eu cheguei, entrando na viela que parecia ser sem saída, encontrando aquela casinha que ficava no meio de todas aquelas coisas velhas e esquecidas, pude escutar novamente gritos e mais gritos. E eram das mesmas pessoas da última vez. As mesmas vozes.

— Cara, eu te avisei que seria até apenas hoje.

— Eu sei, men. Eu sei. Mas eu não consigo a grana para te pagar, velho.

— Ele te avisou que teria juros pela demora, não te avisou? Agora eu quero receber o juros.

— Cara, eu não te arrumei as 200 pratas rápido? Então... Eu vou conseguir arrumar as 100 pratas dessa vez, se você me der mais três dias. Eu juro.

— Você acha que eu tenho cara de otário? Você acha que só você é quem sofre com isso? Acha que só Ele fica nas suas costas te colocando pressão? Tá muito enganada, vadia. Eu também sofro com isso.

— Eu sei, men. Eu sei. Mas por favor, me dá mais um tempo.

— Não vou te dar mais tempo nenhum. Tem ou não tem o dinheiro, vagabunda?

— Cara, eu tô fodido. Não tenho nenhum tostão no bolso. Por isso eu estou te pedindo para...

— Não tem mais conversa.

BAM!

Ouvir aquele som fez meu coração acelerar. Logo em seguida, pude escutar alguém cair no chão, se estatelando.

— Espero que você vá para o inferno, sua piranha.

O mesmo homem careca havia saído da casa, guardando a arma que carregava, enquanto corria rápido para uma picape que estava estacionada mais para frente do depósito.

Ver aquela cena... O que tinha acabado de acontecer, havia acabado comigo mais ainda.

Ver Genevieve estirada no chão, com sua barriga ensanguentada... Era demais para mim.

— Meu Deus, Genevieve! — Disse, seguindo para dentro da casa, enquanto tentava colocar a cabeça de Genevieve no meu colo.

Ela ainda estava respirando. Algumas lágrimas rolavam de seu rosto.

— Roy? — Disse, quase não conseguindo falar direito. — É você?

— Sim, sou eu. Sou eu.

— Eu acho que vou morrer, Roy.

— Não, não vai, vou chamar por uma ambulância. Você vai para o hospital e vai dar tudo certo. — Disse, tirando do bolso um celular velho, enquanto teclava os números para chamar a ambulância. — Por favor, mandem uma ambulância para o velho depósito da cidade. Há uma garota que foi baleada. Rápido, por favor. — Antes mesmo da mulher do outro lado da linha falar algo, eu já tinha desligado o telefone.

— Não vai adiantar. Minhas vistas estão escuras. Não vejo nada. Apenas de escuto. Mas longe...

— Por que não me falou que tinha juro, Genevieve?

— Não tive mais coragem de pedir dinheiro para você. Não depois do que eu fiz.

— Me perdoa. Me perdoa, por favor.

— Pelo o quê, men?

— Por ter sido um babaca com você.

— Não, você não foi. Eu mereci isso. Não devia ter brincado com seus sentimentos.

— E eu não devia ter sido um escroto com você.

— Tá tudo bem, men. Tudo bem. Agora eu tô em paz. — Disse, engolindo em seco. — Agora vou ver o que me aguarda do outro lado. Vou ter o prazer de visitar lugares que eu nunca pude visitar antes. Vou poder ser eu mesma sem julgamento. Vou ser bem recebido pelas estrelas.

— Você não pode morrer, Genevieve.

— Corujinha, não acontece algo que o destino não esteja traçado.

— Não, você vai ficar bem. A ambulância já está chegando. Já, já, você vai estar melhor.

— Não, eu não vou. Eu já fiz o que tinha que fazer nessa vida, que era aprender a dar mais valor a ela, antes que isso aconteça.

— Não...

— Me prometa uma coisa, corujinha?

— O quê?

— Prometa que vai aproveitar sua vida ao máximo? Prometa que vai sair, conhecer novas pessoas, se divertir e ser você mesmo? Me prometa?

— Eu vou tentar...

— Isso já é um começo.

— Por que você me chamou de corujinha?

— Porque... — Genevieve estava começando a ficar sem ar. — Seus olhos... Universo... Zeus... — Antes que pudesse dar seu último suspiro, apenas disse sua última frase. — Até mais, corujinha.

E no mesmo instante, seus olhos se fecharam. Uma lágrima rolou de seu olho. A pulsação havia parado. O coração de Genevieve não estava mais batendo. O seu cérebro se desligara de tudo e sua respiração havia se sessado.

Woo, woo, woo!

A ambulância havia chegado naquele momento.

Os paramédicos examinaram o corpo, mas nada adiantou, pois ali só restara o cadáver de Genevieve Snow.

Parecia cena de série policial. Mas era verdade.

Era a mais pura verdade.

Genevieve Snow havia ido embora. Para sempre.

Trinta e Dois (Roy)

— Não dá para negar, é você, tem sido você e vai continuar sendo você... Minha escolha, minha certeza, meu amor.

Dê valor enquanto a pessoa estiver viva, pois quando morre, não adiantar chorar. Eu tinha aprendido isso na pior maneira possível, que foi sentindo na pele. Ou melhor, no coração.

Lindos vasos de rosas vermelhas estavam postos em cima de pedestais, um de um lado e o outro do outro. E no meio, havia uma garota linda de cabelos sedosos que dormia calmamente, como se fosse um anjo, com as mãos cruzadas ao peito, segurando uma linda tulipa azul. Seu corpo estava coberto por lindas flores pequenas de cor rosa. Pude vê-la, antes mesmo de adentrar ao salão onde estava acontecendo seu funeral.

Todos ali presentes, em total luto, com roupas variadas em preto, choravam pela perda de uma garota extraordinariamente extraordinária. Apenas um casal estava em pé do lado da garota. A mulher em total desconsolo, segurando a mão do garota, enquanto chorava em prantos. O homem ao seu lado, com lágrimas que desciam sobre seu rosto, estava abraçado a mulher. Provavelmente eram os pais de Genevieve.

Ao adentrar o espaço, todos olharam estranhamente para mim, como se eu estivesse no velório errado. Mas era óbvio que ninguém me conhecia, pois não tinha chegado a conhecer ninguém da família de Genevieve. Provavelmente eles nem sabiam que ela tinha um namorado. Mas estava tudo bem em questão a isso, pois tinha a leve impressão de que não nos daríamos bem, principalmente com seus pais.

Apesar de não falarem absolutamente nada quando eu me aproximei do caixão, me olhavam com um semblante de estranheza, provavelmente se perguntando quem era eu e o que estava fazendo ali.

Mas naquele momento, não era o momento de responder perguntas e sim de estabelecer o silêncio por sua morte.

Eu estava segurando um lindo cravo vermelho.

Ao colocar ao lado de Genevieve, bem no alto de sua cabeça, como se fosse uma flor de mentira que prendiam seus cabelos, levei meus lábios até suas mãos que estavam cruzadas ao peito e dei um leve beijo.

— Espero que esteja bem com as estrelas, Genevieve.

E foi a última coisa que disse até certo momento.

Queria poder ficar, mas sabia que minha presença ali iria levantar perguntas, mas não queria aquilo para Genevieve. Apenas queria que ela fosse em paz.

Sem dar a mínima para as pessoas que ali estavam, segui para o lado de fora, esperando o momento que ela seria enterrada.

Só de pensar que não a veria mais na escola, que não a encontraria mais na sua segunda casa depois do inferno que era a primeira, fumando, bebendo e dançando sem se importar com a opinião alheia... Aquilo partia meu coração.

Prometa que vai aproveitar sua vida ao máximo? Prometa que vai sair, conhecer novas pessoas, se divertir e ser você mesmo? Me prometa?

— Eu prometo, Genevieve. — Disse, enquanto pensava no que ela me pedira antes de fechar os

olhos no meu colo.

Depois de algumas horas, a família de Genevieve estava saindo da sala, acompanhando um caixão que vinha logo a frente, que estava sendo trazido por um pequeno carrinho em baixa velocidade, enquanto todos choravam a ponto de soluçarem logo atrás.

Fiquei alguns metros de distância o suficiente para não perceberem que eu ainda estava no cemitério.

Ao longe, pude vê-la sendo enterrada em um túmulo onde sua lápide havia um lindo anjo que estendia seus braços para o buraco feito no chão.

E com três batidas com água benta, um padre que ali estava, terminara o enterro, como se fizesse a alma de Genevieve ir para o céu.

U

Sabe aquele clichê que todos dizem que sua vida pode mudar da noite para o dia? Ou de uma hora para a outra?

Foi o que tecnicamente aconteceu assim que eu chegara em casa.

Ao me deparar, havia uma garotinha na varanda de casa, que brincava com bonecas, fazendo uma encenação de Momento das Garotas.

Ela era linda, com seus cabelos negros enrolados

— Oi garotinha. O que faz aí?

Eu pensava que ela estava perdida, pois ali era minha casa. Ou melhor, não por muito tempo, pois a ideia de me mudar e ir morar sozinho havia voltado.

— Mamãe, tem um garoto aqui fora.

Margaret, vulgo minha mãe, havia saído para o lado de fora, enxugando suas mãos com um pano de pratos.

— O que é que está acontecendo? — Disse, com um semblante em dúvidas.

— Era para ser uma surpresa, mas... Estella, conheça o seu irmão mais velho. E Roy, essa é Estella, a princesa. Sua nova irmã.

Num gesto de puro amor, Estella abriu um sorriso, estendeu os braços em minha direção, deixando suas bonecas caírem, enquanto me dava um abraço forte, cheio de amor, provavelmente dizendo: Ebá, eu tenho um irmão mais velho!

E eu respondendo: Eu tenho uma irmã mais nova.

Trinta e Três

— Superar é preciso.
Seguir em frente é essencial.
Olhar para trás é perda de tempo.
Passado se fosse bom era presente.

Por mais que não estivesse esperando, meu coração estava mais aliviado em saber que coisas erradas, eu não estava fazendo. Como Roy disse: É amor. Eu estava amando. E eu lutaria por isso, pois sabia que o que sentia por ele era verdadeiro. Era real. E tinha a certeza de que ele também sentia o mesmo por mim.

— Eu sabia! EU SABIA!!! — Disse Elisabeth, nos olhando da porta do banheiro.

Tomamos um baita susto no momento, porém o nosso olhar foi aliviado quando a vimos.

— Sinto muito por estragar esse momento, mas eu sabia. Eu tinha a certeza disso. — Disse ela, com um olhar quase penetrante para nós dois. — Posso ser a madrinha de casamento de vocês dois?

Pude ver um Roy sorridente, com um semblante mais vivido e feliz, do que o outro que estava agora a pouco chorando no meu colo.

Roy se virou para mim, com um olhar esperançoso e numa só frase, fez com que meu coração o amasse mais ainda.

— Ettore Scott, você aceitaria namorar comigo e passar o resto de sua vida ao meu lado?

E com um beijo, eu respondi:

— Eu aceito com todo o prazer do mundo.

Elisabeth só faltou desmaiar, pois estava numa aflição, porém uma aflição boa a ponto de já querer montar um altar provisório e fazer nosso casamento ali mesmo.

E passamos a noite curtindo a festa de uma tal forma, como nunca havíamos curtido antes.

Elisabeth, Roy e eu éramos o trio que fazia tudo o que fosse possível naquela festa, até Alessa chegar, também embarcando no navio pirata de Elisa.

Nós, o trio e Alessa acabamos nos tornando melhores amigos a partir daquela noite.

E quando dera quase 3h da madrugada, nós havíamos resolvido que era hora de voltar, por mais que mamãe achasse que iríamos voltar só amanhã.

— Vou dar mais festas assim e espero ver vocês em todas elas. — Disse Alessa, que estava com a metade de uma das assas, com seu vestido rasgado na barra da saia e com a maquiagem borrada.

— Pode ter certeza que vamos voltar. — Disse Elisa.

Algumas pessoas estavam desmaiadas em partes diferentes da casa, provavelmente por comer demais ou por beber demais.

— Agradecemos pela festa, Alessa. — Foi minha vez de agradecer.

— Magina... Eu que agradeço por vocês terem vindo.

— Espero que seus pais não tenham um treco. — Disse Roy.

— Não se preocupe com isso. Eles só vão voltar semana que vem. Posso dar mais uma festa se quiser.

E sem dizer mais nada, Alessa dera uma piscadela, fazendo um sinal com a mão, dizendo: Até mais ver.

Estava um pouco frio, mas com Roy segurando minha mão, enquanto voltávamos para a casa, uma corrente elétrica passava por todo o meu corpo, fazendo eu ficar quente a ponto de suar as mãos.

Havíamos passado na casa de Elisabeth, que como um tchau, apenas disse que era para eu avisar

minha mãe para guardar o strogonoff com champignons. E logo se seguiu para dentro.

E foi a vez de Roy me deixar em casa, que ficava alguns quarteirões logo a frente.

— Bem, estamos aqui. — Disse.

— É, estamos aqui. — Roy me pegara pela cintura, me puxando para mais perto de seu corpo.

E num gesto, já me peguei beijando seus lábios novamente, sem ao menos parar para pegar fôlego...

Mas para que eu queria parar para respirar, sendo que aquela era a melhor sensação do mundo?

Meu primeiro beijo, com um alguém que eu realmente estava amando.

— Boa noite, corujinha. — Disse, dando-me outro beijo, depois me abraçando de uma tal forma como se não quisesse que eu entrasse. Mas eu não queria mesmo.

— Boa noite, meu amor.

Roy esperou eu entrar para poder ir embora, como se fosse meu segurança particular.

E pude vê-lo seguir para esquina, com as mãos nos bolsos, enquanto olhava para os céus, que estava coberto de estrelas magníficas, que brilhavam a todo custo.

Fiz o mesmo, porém, acabei dizendo: Obrigado Estrelas! Colocando a mão no coração, como uma forma de agradecimento.

Mas assim que andei para o quarto, subindo as escadas, percebi que as luzes do quarto estavam acesas.

Papai e mamãe ainda não haviam dormido?

Por um instante, pude escutar ambos soluçando.

Estavam chorando?

Bati na porta, mas não houve resposta, então apenas girei a maçaneta e vi ambos, deitados na cama. Mamãe com a cabeça no colo de papai, enquanto ele acariciava os cabelos. Ambos choravam, com os olhos vermelhos e inchados.

— O que foi que aconteceu?

— Apenas sente aqui, filho. — Disse meu pai, batendo com a mão na cama.

Sem dizer nada, segui para me acomodar e saber o que estava acontecendo e o porquê estavam chorando.

— O que foi que aconteceu?

— O médico de sua mãe ligou.

Ai não. Esperava que não fosse nada grave. Mas pelo choro, não era nada agradável.

— Na tomografia que eles fizeram, eles não viram de imediato, nada errado, mas...

— Tem alguma coisa de errado? Mamãe quebrou alguma coisa? O que foi?

— Não, querido, não é isso. — Foi a vez de mamãe. Ela levantou do colo de papai e retornou a dizer. — Talvez seja algo bem pior.

— Meu Deus... O que é?

— O médico pegou o exame de sua mãe novamente e viu algo que não tinha percebido antes.

— E o que era?

— Na tomografia, mostrava uma mancha no cérebro de sua mãe.

— Uma mancha?

— Sim, uma mancha.

— E o que é? Já sabem o que é?

— O médico acha que pode ser um tumor.

Trinta e Quatro

7 meses depois

— O tiro te acertou e você nem deu conta.

O que se pode esperar da vida, são surpresas. Às vezes maravilhosamente, maravilhosas. E às vezes bem desagradáveis, como ter recebido a drástica notícia de que minha mãe estava com um tumor no cérebro.

Um tumor.

Algo que às vezes silencioso, porém fatal.

Sete meses antes, tínhamos recebido a notícia do médico de que ele e sua equipe tinham deixado passar algo que poderia ser bem grave no futuro. E se não fosse pelo escorregão que minha mãe havia tido e a tomografia feita, poderia ser tarde demais.

Um dia depois da notícia, seguimos diretamente para o hospital.

Fizeram novamente uma tomografia na minha mãe para ter certeza se não era erro da máquina ou até mesmo erro na impressão. Porém, lá estava a maldita mancha, no mesmo lugar em que estava no exame anterior.

O médico disse que iriam fazer uma biópsia, para saber se esse tumor era benigno ou maligno.

Mas com um pingo de esperança, o médico disse que provavelmente esse tumor poderia ser benigno, pois minha mãe não sentira nada e não se alastrara para nenhuma outra parte do corpo.

Só que dessa vez, iriam fazer um exame novo de biópsia, onde não precisavam recolher uma parte da doença para saber suas características ou algo assim, pelo que eu saiba. Iria fazer um tipo de exame de sangue, onde poderia ver a quantidade de RNA mensageiro na corrente sanguínea de minha mãe, onde poderia dar informações necessárias para o melhor diagnóstico possível e de como tratar uma doença benigna ou maligna.

Passado um mês, recebemos a drástica notícia do médico de que o tumor que minha mãe tinha no cérebro era maligno, porém o tipo de tumor maligno diferente, pois ele se parecia muito com um benigno, dando a impressão de ser lerdo em questão de fazer qualquer estrago. Mas como o médico tinha dito, ele trabalhava sorrateiramente, falhando todo o sistema de minha mãe, sem ao menor perceber.

Colocaram ela na fila de espera para uma cirurgia, mas colocaram em observação que era urgente. Precisavam tentar tirar o tumor ou se não...

Mas 7 meses se passaram, até recebermos a notícia de que haviam conseguido achar uma vaga para minha mãe. E a esperança cresceu novamente em nossos corações.

Nesse período, a única coisa que os médicos puderam fazer, foi lerdar a doença, estagnando ela no mesmo lugar sem que ela prejudicasse o corpo dela, até que o dia da cirurgia chegasse.

E lá estava eu, pensando em minha mãe e se ela estava bem.

Ela fora internada em observação, para que tudo ocorresse bem na cirurgia que seria logo de manhã no dia seguinte.

Eu estava junto a Roy e Elisabeth na casa de Elisabeth, onde escrevíamos juntos o penúltimo capítulo do livro.

— Que tal? Está bom? — Disse Elisabeth para Roy, enquanto o fazia ler o último parágrafo do penúltimo capítulo.

— Está perfeito. Realmente, está muito bom.

E eu ainda não estava com os meus pensamentos firmes para prestar atenção no que eles estavam dizendo e nem ao menos conseguir dar uma opinião ou escrever algo que ajude na complementação da história.

— O que acha, corujinha?

— Hein? Sobre o quê?

— Ettore, calma. Vai dar tudo certo. Sei que não para de pensar em sua mãe, mas você vai ver. Ela vai sair daquele hospital novinha em folha.

Respirei fundo, tentando colocar meus pensamentos no lugar.

— Acho melhor darmos uma parada e descansar um pouco. Quem quer comer?

Eu não queria. Não conseguia comer nada. Estava preocupado, por mais que tentasse fazer meus pensamentos pensarem positivamente sobre isso.

Naquela noite, todos nós, Roy, Elisabeth e eu fomos visitar minha mãe e desejar boa sorte com a cirurgia. Os médicos haviam deixado nós fazermos uma pequena festinha, só para comemorar a vitória de conseguir uma cirurgia e comemorar que ela sairia bem da cirurgia. Levamos algumas coisas para alegrar ela, como balões, flores, cartazes e muitas outras coisas que enchesse aquele quarto de alegria.

— Nem sei como agradecer vocês por estarem aqui comigo.

— Somos sua família, querida. Vamos estar com você até o fim. — Disse papai, beijando sua testa.

— Ansiosa que tudo isso acabe. — Disse mamãe.

— Nós também. — Todos dissemos em um coral.

— Mas tudo vai dar certo... Depois da cirurgia e dos tratamentos necessários, você vai estar novinha em folha.

— Com certeza. — Disse Elisabeth. — A senhora é dura na queda. — E todos nós rimos com o seu comentário.

Passamos duas horas no quarto, conversando, rindo das piadas de Elisabeth, como sempre; Roy falando das curiosidades, como sempre fazia e eu junto a ela, segurando sua mão o tempo todo.

— Sinto muito, mas vocês têm que ir. A hora de visitas já acabou. E a sra. Scott precisa descansar para estar bem-disposta para a cirurgia amanhã. — Disse uma mulher que abriu a porta logo atrás de nós.

Era uma das enfermeiras que cuidava de minha mãe.

— Sério? Não podemos ficar mais um pouco? — Perguntou Elisabeth, aos prantos.

— Sinto muito, mas são ordens e normas do hospital.

— Vamos crianças, vamos deixar a guerreira descansar um pouco.

Mas antes que todos pudéssemos sair para ir ao andar de baixo, mamãe segurara o braço da enfermeira, que verificava se o soro estava indo para a veias de mamãe e disse:

— Poderia falar cinco minutos com um deles, por favor?

A enfermeira hesitou, mas logo concordou.

— Tudo bem. Cinco minutos.

— Roy, meu querido, venha cá.

— Venha, vamos deixar os dois sozinhos. — Disse papai, nos puxando para o lado de fora.

Trinta e Cinco (Roy)

— A espada atravessou
e você sentiu nada.

Se alguém me dissesse que um dia, eu teria uma irmãzinha, chamada Estella, que meus pais mudariam completamente, que nos mudaríamos para recomeçar a nossa vida, numa pacata cidade na Carolina do Leste e que eu conheceria um garoto chamado Ettore Scott, pelo qual ele me faria sentir novamente algo que eu achava que havia morrido dentro de mim, eu diria que está pessoa estava ficando, completamente louca.

Mas foi o que aconteceu.

E agradeço grandemente as estrelas por isso.

E depois de alguns meses, eu estava namorando novamente, com uma pessoa que eu realmente amava e que me amava de volta. Por incrível que parecesse, eu segui em frente depois de tudo o que acontecera. Foi o que prometi a Genevieve e é o que estou fazendo. E ainda sim, meu sentimento de antes por ela voltara. O sentimento de amizade. O sentimento de melhor amiga, que desde o começo estava comigo.

E lá estava eu, com o meu namorado, junto a sua mãe no leito, com sua melhor amiga contando piadas, enquanto seu pai ria bastante.

Mas logo deu a hora de irmos embora, pois o horário de visita havia acabado, porém antes que saíssemos do quarto, a mãe de Ettore pedira para falar comigo.

A enfermeira deixara, entretanto iria contar cinco minutos certinho no relógio, pois a sra. Scott tinha que descansar para a cirurgia de amanhã.

— Preciso de contar uma coisa, querido...

— Diga, sra. Scott.

— Não foi à toa que eu me simpatizei com você, desde a primeira vez que te vi. Eu sabia que você seria a ponte que sustentaria Ettore quando eu partisse.

— Do que está falando, sra. Scott?

— Eu sei, meu querido. Eu sei. Eu sei que não vou conseguir sobreviver. Eu não sei o porquê que eu sei, mas eu sei que estou indo embora.

Um nó se formou na minha garganta. Do que ela estava falando, afinal?

— E eu sei que vocês dois se amam, meu querido. Eu sei que estão apaixonados um pelo outro. Assim como também sei que estão namorando. — Disse ela, dando um lindo sorriso para mim. — E eu fico muito feliz em questão a isso. É, não dá para esconder nada de uma mãe. — Ela segurou firme a minha mão e logo retornou a dizer. — Pode me prometer algo, Roy?

— Claro, claro que prometo.

— Cuide do Ettore para mim?

— Mas a senhora não vai morrer. A senhora ainda tem muita coisa para viver pela frente.

— Não, meu querido, eu não. Mas vocês dois têm. Então, me prometa? Prometa que irá cuidar dele para mim?

— Eu... — Hesitei em falar, pois achava que era coisa de sua cabeça achar que iria morrer. — Eu prometo. — Mas enfim, eu disse.

— Ótimo. Agora eu posso ir com a consciência limpa.

— A senhora não vai morrer, sra. Scott.

— As estrelas estão me esperando, querido. Só basta chegar o momento certo.

Aquilo foi um baque para mim.

As estrelas.

Estrelas.

Naquele instante, sra. Scott olhara de um jeito para a porta, com um semblante não de assustada, mas de surpresa. Porém, ao acompanhar seu olhar, eu não vi ninguém ali. Não havia ninguém.

— Que garota linda. Como se chama?

Sra. Scott começou a falar com o nada a frente. Até que o nome fez com que minha espinha arrepiasse inteira.

— Genevieve? Que lindo nome, minha querida.

— Com quem está falando, sra. Scott?

— Com ela. — Disse, apontando para o vazio que ali se encontrava a frente. — E ela está me dizendo que não é para você ficar remoendo coisas do passado, pois o que aconteceu não foi sua culpa. E sim dela. — Aquilo mexera comigo. Eu desmoronei, como uma criança. — Você fez o que pôde, pois foi ela quem construiu a própria vida. O próprio caminho. Agora você pode amar alguém que realmente te ama, o Ettore. E viva sua vida como nunca viveu. E lembre-se que ela sempre será sua melhor amiga. E outra coisa... Ela está dizendo que é para você jogar fora uma anotação que está no seu caderno de... De... — Ela falava, como se estivesse com dificuldades de entender a mensagem. — De frases. Caderno de frases.

Era realmente Genevieve ali? Como poderia ser?

— E ela disse que está bem, Roy. Ela disse que está com as estrelas. E elas mandaram te dizer que você ainda tem muito para viver. Para explorar. E para estar junto com Ettore. E fique em paz, pois assim como ela e eu, estaremos olhando por vocês.

E num semblante estranho, antes que a enfermeira entrasse para dizer que o tempo acabou, sra. Scott terminou dizendo:

— Ela se foi Roy.

Não pude dizer nada, apenas enxuguei as lágrimas em minha blusa, enquanto a enfermeira dizia que era para eu ir para fora, enquanto apagava a luz para a sra. Scott poder descansar.

Naquele instante, eu soube qual era a minha missão em tudo isso. E o porquê fui trazido para essa cidade. O porque não pude salvar Genevieve, assim também o porquê prometera a sra. Scott que cuidaria de Ettore.

As estrelas me trouxeram até ali para cumprir a minha missão e ser feliz com quem me amava.

E no mesmo instante, segui para o lado de fora.

O pessoal devia estar no andar de baixo, na lanchonete ou algo assim.

Então eu soube o que as estrelas queriam que eu soubesse. O que queria me proporcionar...

Queria me proporcionar uma nova chance de viver.

Trinta e Seis

— A morte é o começo da
imortalidade.

Sei que não irá ler isso,

assim como também sei que não irá mais voltar. Nunca mais. Mas quero que você saiba que eu ainda gosto de você. Amo você, por mais que agora não seja um amor de algo a mais e sim de uma amizade que eu sei que vai durar até depois de sua ida. Só queria me desculpar por ter sido um babaca com você e não ter estado ao seu lado quando você mais precisou. Só quero que essas palavras nunca morram. E espero um dia te reencontrar e dizer isso na sua cara, com toda a verdade pura, como estou fazendo enquanto eu escrevo essa pequena nota.

Espero que você esteja bem, Genevieve.

Espero que esteja feliz, junto as estrelas.

*Com amor e saudades,
Corujinha.*

Estava em casa, junto com Roy, enquanto papai havia ficado no hospital. Mamãe agora devia estar em cirurgia. Papai nos convencera de voltarmos para casa e descansarmos, pois assim que voltássemos para o hospital, mamãe estaria dormindo depois de longas horas de cirurgia em seu quarto.

Enquanto Roy preparava o café da manhã, eu terminava de ler o seu caderno de frases que um dia havia me emprestado, quando uma nota dobrada tinha caído de uma das páginas.

Achei aquilo curioso, porém não deixei de abri-lo para lê-lo. E num espanto, não de ciúmes, mas de surpresa, coloquei a mão na boca, tentando abafar um NOSSA.

— Aqui está seu café, corujinha. — Roy disse, entrando no meu quarto.

Ao olhar para a nota em minha mão, deu uma suspirada e logo se sentou ao meu lado.

— Eu iria te falar sobre isso...

— O que foi que aconteceu com ela, Roy?

Roy parecia que iria chorar, mas pude ver que ele apenas fez uma cara triste e começou a me contar tudo, desde o começo. De como tudo aconteceu e deixou de acontecer, até a morte de Genevieve.

— Espero que não fiquei bravo comigo, corujinha.

— Eu não estou bravo com você. — Disse, beijando seu rosto. — Só quero que da próxima vez seja breve e me conte tudo o que está te incomodando. Quero ser um alicerce em sua vida, Roy. Quero te ajudar. Quero te amar.

Roy, num sorriso, beijou meus lábios, sem se importar se alguém aparecesse pela porta e atravessasse o quarto.

Ele pegou a nota de minhas mãos, amassou-a e depois jogou no lixo que havia perto da minha escrivaninha.

Fiz uma cara sem entender o que ele tinha acaba de fazer, até que ele me explicou:

— Tenho certeza de que ela sabe de tudo isso. Não preciso mais guardar isso e remoer um passado que não me pertence mais. Assim como eu tinha lhe prometido, vou seguir em frente e ser feliz. Feliz com você.

Roy deu um sorriso, voltando a sentar do meu lado.

Tomamos o nosso café da manhã e quando chegou 12h30, fomos direto para o hospital.

Na sala de espera, papai estava inquieto, querendo saber alguma informação sobre a cirurgia, querendo saber se estava ocorrendo tudo muito bem.

— Até agora nada, papai?

— Nada, filho. Já faz 7h, desde que ela entrara para a cirurgia e nada. Estou começando a ficar preocupado.

Mais uma hora havia se passado, quando o médico, com o uniforme de cirurgião, voltara, andando no corredor grande, tirando sua máscara.

Papai logo se levantara para ouvir as notícias que o médico tinha para nos dizer.

Mas ele não disse absolutamente nada. Com um semblante triste, apenas balançou a cabeça negativamente.

Não precisava falar nada. Absolutamente mais nada.

Aquele balançar de cabeça tinha sido o suficiente para uma resposta, dizendo: Tentamos de tudo, mas ela não resistiu.

Papai, realmente, havia surtado num choro.

Ele dizia para si que não, não era possível mamãe ter morrido. Não era possível.

Meu mundo tinha se desmoronado também. Não acreditava que aquilo pudesse ser real.

No mesmo instante, o choro veio de uma tal forma, a dor começou a palpitar junto com os batimentos do meu coração e eu me pus num estado de puro desespero.

Ela não poderia ter ido embora.

Não poderia não.

U

Ela estava linda com aquele vestido de renda. Sua pele pálida, porém jovial, dava a impressão que ela não estava morta. Estava tirando um cochilo que duraria a eternidade. Um pano branco lhe cobria a cabeça, como se fosse cabelos platinados. Mamãe havia dormido sorrindo. Com as mãos grudadas ao peito, ela estava serena. Nada mais lhe preocupava, nada mais.

— Estamos todos aqui, reunidos... — Disse o pastor Marcus. — Para darmos um último adeus a nossa querida irmã Lilian Scott. Sei que ela será muito bem recebida por Deus no reino de sua glória.

Todos choravam, enquanto as lindas palavras do pastor penetravam na nossa mente e no nosso coração. Elisabeth chorava como se tivesse perdido a própria mãe. Ela acariciava o rosto de mamãe, como se fosse uma folha frágil.

Pude escutar Elisabeth falando baixinho para o corpo de minha mãe.

— Oh minha guerreira, espero que esteja bem aonde quer que você esteja. E obrigada por guardar o strogonoff com champignons para mim. — Disse, dando uma leve risada que logo voltou a virar choro novamente.

Roy apenas seguira para perto dela, dando-lhe um beijo na testa, dizendo bem baixinho, algo que eu não pude escutar direito e logo voltou para o meu lado.

Agora era minha vez de dizer adeus.

— Você é uma guerreira mãe. Obrigado por sempre estar comigo. Por brigar comigo. Por me ensinar coisas. E principalmente, por me amar. — Disse, limpando uma lágrima que estava teimando em cair. — Vou sentir sua falta. Eu te amo. — E no fim, dei um beijo em sua mãos juntas ao peito.

Papai estava atordoado demais para dizer qualquer coisa, mas sabia que ele a amava de qualquer forma e ainda continuaria amando.

Mas logo veio a pior parte, que era fechar o caixão e seguir para o cemitério.

Ainda não conseguia acreditar que mamãe havia ido embora. Não podia ser. Não estava certo.

Enquanto o caixão ia na frente, algumas pessoas logo atrás, rezavam, algumas choravam e outras apenas o silêncio se estagnava.

Ao chegarmos no que parecia ser o túmulo dela, havia uma lápide em branco, que com certeza logo estaria escrita seu nome e suas duas datas. Mas o que me chamou atenção foi um lindo anjo que estava com os braços estendidos para o buraco do túmulo.

Roy fez uma cara de surpreso quando olhou para o túmulo.

E logo vimos mamãe sendo levada para dentro, enquanto pessoas jogavam lindas pétalas de rosas em cima de seu caixão.

Mas fomos surpreendidos por algo que não esperávamos.

Uma linda borboleta grande de asas azuis com linhas decorativas que formavam desenhos em preto, sobrevoou até o caixão pousando bem no meio. E quando movimentou três vezes suas asas ameaçando voar, logo em seguida assim fez, indo para a floresta de pinheiros que haviam a nossa volta.

E logo escutamos o pastor Marcus dizer que era um sinal de Deus, dizendo que sua alma havia sido aceita ao reino do céu.

Poderia até ser, porém, quando Roy e eu nos olhamos, parecia que tínhamos pensado a mesma coisa.

Mamãe havia chegado até as estrelas. As estrelas haviam lhe aceitado de braços abertos.

Dois meses depois...

— Lindo, não é? — Disse Roy, enquanto me dava um selinho nos lábios.

Estávamos no cantinho das estrelas, vendo o pôr do sol.

Depois que mamãe foi embora, Roy e eu ficamos mais unidos do que nunca. Nos amávamos completamente.

Não nos desgrudávamos. Passávamos todos os dias juntos, sozinhos. Ou com Elisabeth, que também era uma ótima companhia.

— Sabe de uma coisa, corujinha?

— O quê?

— Que tal um dia fazermos uma visita?

— Visita? A quem?

— A Zeus?

— Zeus?

— Corujinha!

— Ah meus Deus... Você tá falando sério? Visitar o Zeus?

— Mas é claro, por que não?

Roy e eu nos beijamos, encostados perto da grade, perto do abismo.

Não demorou muito para que o sol se pusesse no horizonte e as estrelas aparecessem, dando um olá no céu, logo a cima de nós.

Estar com Roy era a força que eu precisava nesse momento difícil que estava sendo. Ele era a âncora que me segurava para não me deixar cair. E estar com ele, era algo que eu agradecia grandemente as estrelas.

Dez Anos Depois

A vida passa sem ao menos perceber que o mundo gira e que estamos condenados a praticamente tudo. Escrevemos nossas histórias sem ao menos perceber que talvez estejamos fazendo isso errado. Ou talvez não. Mas em minha vida com Roy, em nenhum momento, eu passara a borracha para apagar. Nunca me arrependi em nenhum momento de estar com ela. De beijar ele. De abraçar ele. De ser seu companheiro.

Depois dos ocorridos, Roy, Elisabeth e eu terminamos o ensino médio, conseguindo com que nosso livro fosse publicado pela editora, tendo o maior dos votos em ficção adolescente no site da escola. Aquele momento foi histórico para todos nós. Apesar de apenas estar disponível para a nossa cidade, a professora Juliet fez questão de divulgar na internet, fazendo com que outras editoras comprassem os nossos direitos autorais pelo livro e publicassem em outras cidades. Até mesmo chegando em outro país, como por exemplo o Brasil.

Mas logo veio a responsabilidade da idade de 18 anos, onde nós três fomos estudar na mesma faculdade em outra país, um fazendo psicologia, o outro administração financeira e o outro pedagogia e letras.

Logo nos formamos.

Elisabeth virara professora de letras na mesma faculdade onde tínhamos tirado nosso diploma, tirando a nota mais alta de todos os alunos de sua turma.

Roy abriu a sua própria empresa, lançando uma maravilhosa marca de perfumes, com uma linha exclusiva chamada: Genevieve Snow.

E eu, com o meu diploma de psicologia, consegui abrir meu próprio consultório, na mesma cidade que agora morávamos.

Papai, com o passar dos anos, conseguira se conformar pela morte de mamãe. Tanto que saíra para viajar, indo para Paris passar as férias, onde iria se contemplar os costumes e as lindas paisagens da capital da França durante cinco meses. Até que conheceu uma linda francesa, chamada Amelie, onde se apaixonou novamente e perdidamente.

Alessa virara diretora da nossa antiga escola.

Estella estava terminando o ensino médio quando recebera a maravilhosa notícia de que ganhara uma bolsa 100% em uma das provas que já prestava para faculdade no exterior. Ela iria para China, fazer intercâmbio.

Seus pais, assim como Roy e eu estávamos completamente orgulhosos de Estella.

Depois da faculdade, Roy e eu decidimos criar a nossa própria vida. Ter a nossa própria família.

Assim que nos estabilizamos, saímos dos quartos que alugávamos, para uma casa que havíamos comprado mobiliada. Realmente estávamos começando a crescer de uma forma, que não sabíamos de onde vinha aqueles dias que chegavam, até que um certo dia, algo, que Roy um dia prometera, fizera pagar a dívida.

Estávamos dentro do carro.

Roy me fizera estar o tempo todo com vendas nos olhos, dizendo que era uma surpresa e tanto.

Pelos sons do lado de fora, enquanto o carro ia andando, estávamos saindo da cidade para um lugar onde havia árvores que balançavam por causa do vento e pássaros cantando. E quando Roy parou o carro

e descera, abrindo a porta para mim, enquanto me ajudava a sair, disse:

— Estamos quase lá.

— Vai logo, Roy. Odeio ficar curioso.

— Pronto. Aí está bom. — Disse, me trazendo alguns passos a sua frente. — Pode tirar a venda.

Ao tirar a venda negra, me deparei com Roy, com os braços para trás, enquanto uma penca de pessoas estava sorrindo para nós logo atrás.

— Roy, onde estamos?

— Lembra de quando eu disse que um dia viríamos visitar o Zeus?

— Eu não acredito... É aqui que..

— Sim. Estamos alguns centímetros perto dele.

Eu quis agarrar Roy, mas antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, as pessoas que estavam atrás de Roy, se afastaram um pouco para uma única pessoa passar e trazia consigo...

— Ah meu Deus... Esse é o Zeus?

— Sim. — Disse uma mulher de cabelos longos e louros, que trazia a coruja em sem braço.

Zeus tinha penas cinzas, rajadas em tons de preto e branco. Suas penas pareciam ter brilho próprio.

E seus olhos... Os universos que Roy vem me falando desde que nos conhecemos.

Realmente parecia que havia constelações de estrelas nelas.

— Posso passar a mão? — Perguntei.

— Claro.

Passei a mão sobre sua cabeça que num gesto, Zeus fizera que nem um gato, como se quisesse algo. Ele retribuía o carinho.

— Ele gostou de você. — Disse a mulher.

Mas antes que eu pudesse fazer qualquer pergunta a mulher sobre Zeus, Roy me puxou para que ficássemos de frente a coruja.

— Mas não foi só isso para isso que eu lhe trouxe. — Disse, tirando de seu bolso, uma caixinha vermelha e aveludada. — Mas para pedir algo que eu queria lhe pedir desde o momento que eu te conheci, Ettore Scott. — Disse, se ajoelhando e abrindo a pequena caixa, que continha uma linda aliança banhada a ouro. — Ettore Scott, eu amei você desde a primeira que te vi, para você eu te pergunto... Ettore Scott, você aceita se casar comigo.

Não demorei um segundo para responder.

Sim. Sim. SIM!

E num gesto, Roy colocara a aliança no meu dedo anelar da mão esquerda. E num beijo e um abraço bem apertado, ele disse:

— Eu te amo, corujinha.

— Eu também te amo, meu amor.

E a partir daquele momento, concretizamos algo que prometemos um para o outro... Amar, não importando a dificuldade que vamos estar passando, não importando a opinião contrária. Nos amávamos. Isso que era importante.

Só tinha que agradecer a estrelas por isso. Pelo que elas fizeram por mim e pelo que fariam mais ainda.

E num breve instante, me veio algo na cabeça. Algo que não me deixou calar.

O que diriam elas nesse momento?

O que diriam a respeito?

O que dirá as Estrelas?

FIM

Nota e Agradecimento do Autor

Escrever um livro não é uma tarefa fácil. São milhões de palavras, uma grande história para se lembrar e uma mente incrivelmente ativa para criar. Mas te digo que não é impossível.

O que dirá as Estrelas? é uma obra que do nada eu comecei a escrever no meu notebook enquanto escutava calmamente as bandas indies aleatórias que apareciam no YouTube. Por mais que eu já tivesse escrito outras histórias, que por uma infeliz ocasião, nunca foram acabadas, essa obra que terminara de ler fora a primeira que eu conseguira terminar desde então. E espero que seja a primeira de muitas que virão.

Em nenhum momento, enquanto escrevia essas páginas, eu tive “bloqueios literários”, vontade de apagar o livro e começar tudo de novo só por não ter gostado ou até mesmo pelo simples fato de o meu consciente me dizer que eu não poderia fazer algo assim. Porém, cá estou eu, escrevendo as últimas palavras dessa obra, deixando uma pequena nota e agradecimentos eternos.

E caso você tenha um objetivo ou um sonho em mente, caro leitor, eu digo que você deve correr atrás. Sim. Corra atrás. Vai ser difícil, mas como Roy disse sobre sua teoria de Van Gogh: Vai, mesmo estando com medo e se não conseguir, tente novamente.

E por isso estou aqui, por ter conseguido concluir um dos meus sonhos, que era publicar um livro meu para que as outras pessoas pudessem ler minhas histórias.

Mas é claro que isso não seria possível se certas pessoas não tivessem me ajudado...

Desde já agradeço a minha mãe Fernanda e a minha irmã Deyse por sempre me apoiarem, não importando qual fosse a minha situação do momento. E é claro que essa obra não estaria completa se não fosse por suas ajudas.

À minha amiga Jady Menegare que disse que apenas iria ler essa minha história quando tudo estivesse terminado e cá estou eu lhe oferecendo essa oportunidade de ler algo meu e que já está terminado.

À Érika Martins, minha melhor amiga desde a terceira série do ensino fundamental. A primeira pessoa a ler essa minha obra e se emocionar com cada capítulo e por ter me ajudado a finalizá-la, corrigindo os erros que ainda estavam presentes. Obrigado mesmo!

Ao Zeus, meu gato heterocromático que não parava de ficar em cima do teclado, enquanto eu escrevia o livro às duas horas da madrugada.

A minha sobrinha Kamily, que sempre perguntava quando eu ia terminar um livro meu.

E agradeço a mais pessoas, que se eu as colocasse aqui daria para escrever mais um livro. Mas espero que fique claro que estou agradecido de coração, desde já.

E para uma última nota, eu digo: Esperem mais histórias vindo por aí!

Com abraços e beijos,
Cleyton Pereira, vulgo corujinha.



Meu nome é Cleyton Pereira de Oliveira, nasci na capital de SP em 2000 e *O que dirá as Estrelas?* é a minha primeira de muitas obras que virão.

Terminei o ensino médio há um ano e no momento atual faço curso de Gestor Administrativo. Nem sempre gostei de ler e escrever, até certo momento quando ganhei meu primeiro livro dado pela minha professora do nono ano; Alessandra. O livro era uma das obras do maravilhoso autor Markus Zusak: *A menina que roubava livros*.

A partir daquele instante, não parei mais de ler e comprar mais livros. Até que eu tive a vontade de escrever a minha primeira história, que hoje está esquecida no cemitério de minha mente. O tinha nomeado como: O Som do Violino. Infelizmente nunca consegui terminar uma história que fosse, até chegar essa que nunca me fez querer parar de escrevê-la.

Facebook: Cleyton Pereira ou cleyton.dunker

Wattpad: Dunkerbook

Instagram: @Dunker217

Twitter: @cleytonbook